

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

MARCELA DE SOUZA ALVES

**A VIOLA CAIPIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL
IMATERIAL DE SÃO FRANCISCO - MG**

**GOIÂNIA,
2017**

MARCELA DE SOUZA ALVES

**A VIOLA CAIPIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL
IMATERIAL DE SÃO FRANCISCO - MG**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Rildo Bento de Souza.

GOIÂNIA,
2017

MARCELA DE SOUZA ALVES

**A VIOLA CAIPIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL
IMATERIAL DE SÃO FRANCISCO - MG**

Monografia defendida no Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 01 de dezembro de 2017, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza
Universidade Federal de Goiás – UFG (Presidente)

Prof. Me. Francy Eide Nunes Leal
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof. Dr. Jean Tiago Baptista
Universidade Federal de Goiás – UFG

Dedico esse trabalho a minha mãe Antônia, ao meu pai Milton e as minhas irmãs Marta e Micaela (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Em mais uma etapa da minha vida tenho muito a agradecer, pois não seria possível essa conquista se não fosse à confiança e as contribuições que tive durante esses momentos. Tenho que agradecer a várias pessoas que contribuíram para o meu sucesso, especialmente aos meus pais Antônia Ferreira e Joaquim Milton sem o apoio nunca conseguiria alcançar meus objetivos; as minhas irmãs Marta e Micaela (in memoriam).

Aos antigos colegas de curso de Museologia da UFOP, Lucas e Natália pelos momentos bons que passamos juntos, e também a todos que fizeram parte da criação da empresa júnior “Somus Consultorias” que hoje está colhendo os frutos de todo trabalho incansável que tivemos no início dessa empreitada. Aos professores e demais colegas do curso de Museologia da UFG pelas contribuições na minha formação acadêmica, principalmente ao Washington Fernando pela oportunidade de estagiar no Museu do Carnaval de Goiás e pelo apoio. Ao meu orientador Rildo Bento de Souza por ter aceitado o meu convite e incentivado a minha pesquisa, além de contribuir na minha formação enquanto museóloga.

RESUMO

A produção artesanal de instrumentos musicais no município de São Francisco – MG evidencia a musicalidade expressa nas manifestações de caráter religioso e cultural como a Folias de Reis. A presente pesquisa tem como objetivo demonstrar as relações presentes entre a arte de se “fazer” viola caipira, fabricada pelo artesão e folião senhor Minervino Gonçalves. Nesse sentido foi realizada uma pesquisa bibliográfica com fundamentação teórica. Os principais autores que embasaram a mesma são: Wagner Chaves, Roberto Corrêa, Carlos Rodrigues Brandão, Jadir Pessoa, Roberto Mendes Pereira, Sebastião Rios, Hugo Fonseca Moreira entre outros que discutem a formação social, política e cultural da cidade de São Francisco em Minas Gerais; as diversas faces da manifestação de caráter religioso e cultural, a Folia de Reis; e também o saber e o fazer da viola caipira, tendo como ator social o artesão senhor Minervino Gonçalves fazedor de viola caipira e rabeca, evidenciando assim a viola caipira como objeto representativo da identidade cultural São franciscana. Por meio dessa pesquisa foi possível verificar que a cultura da musicalidade expressa na cidade de São Francisco, região norte de Minas Gerais, gira em torno da tradição das festas religiosas, tendo na Folia de Reis uma de suas maiores expressividades. Dessa forma, a fabricação artesanal da viola caipira produzida pelo luthier e folião mestre Minervino Gonçalves propaga uma visão mais distinta do artesanato popular, dando relevância à viola caipira e seu papel como bem cultural a ser registrado como patrimônio cultural imaterial de São Francisco.

Palavras – Chave: Viola caipira, Folia de Reis, São Francisco – MG.

ABSTRACT

ABSTRACT

The artisanal production of musical instruments in the municipality of São Francisco - MG shows the musicality expressed in religious and cultural manifestations such as Folias de Reis. The present research aims to demonstrate the present relations between the art of "making" viola caipira, made by the artisan and folklorist Mr. Minervino Gonçalves. In this sense a bibliographical research with theoretical foundation was carried out. The main authors who supported it are: Wagner Chaves, Roberto Corrêa, Carlos Rodrigues Brandão, Jadir Pessoa, Roberto Mendes Pereira, Sebastião Rios, Hugo Fonseca Moreira among others who discuss the social, political and cultural formation of the city of san Francisco in Minas Gerais General; the various faces of the manifestation of religious and cultural character, Folia de Reis; as well as the know-how and the making of viola caipira, having as social actor the craftsman Mr. Minervino Gonçalves doer of viola caipira and fiddle, thus evidencing the viola caipira as an object representative of the cultural identity are franciscana. Through this research it was possible to verify that the culture of musicality expressed in the city of San Francisco, northern region of Minas Gerais, revolves around the tradition of religious festivals, having in Folia de Reis one of its greatest expressivities. In this way, the artisan production of the viola caipira produced by the luthier and folio Mr. Minervino Gonçalves propagates a more distinct view of the popular crafts, giving relevance to the viola caipira and its role as a cultural asset to be registered as intangible cultural patrimony of San Francisco.

Key words: Viola caipira, Folia de Reis, São Francisco - MG.

LISTA DE SIGLAS

CONEP – Conselho Estadual do Patrimônio Cultural

CULTUARTE - Associação de Cultura, Arte e Educação

CNFCP - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IEPHA/MG – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

NUHICRE – Núcleo de História e Cultura Regional.

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização e divisão das mesorregiões de Minas Gerais	20
Figura 02: Localização do município de São Francisco – MG	23
Figura 03 - Vista para orla e a igreja principal da cidade	24
Figura 04 - Localização e divisão dos distritos que compõem o município de São Francisco – MG	26
Figura 05 - Pôr do sol da cidade de São Francisco – MG	27
Figura 06 - Apresentação de grupo de folia	34
Figura 07 - Saída da folia	35
Figura 08 - Entrega da bandeira aos festeiros do ano	38
Figura 09- Lista das folias cadastradas em Minas Gerais	44
Figura 10 – Viola caipira fabricada pelo luthier Geraldinho do Angical	56
Figura 11- O mestre Minervino junto com os seus instrumentos recém-fabricados. Desde viola caipira no modelo lisa e ornamentada até rabecas	57
Figura 12 - Processo de fabricação da viola	63
Figura 13 - Processo de fabricação da viola	63
Figura 14 - Viola caipira fabricada pelo mestre Minervino	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
SÃO FRANCISCO-MG: ALÉM DAS MARGENS DO VELHO CHICO	17
1.1 Minas Gerais: Entre os gerais e o sertão	17
1.2 São Francisco: Uma cidade, uma história	21
1.3 São Francisco - MG: Histórico e localização	22
FOLIA DE REIS: ENTRE O SAGRADO E PROFANO	30
2.1 Folias de Reis: Uma história extramuros	30
2.2 Entre os ritos simbólicos e sociais da folia	33
2.3 Ritos e celebrações: A Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais	41
A VIOLA CAIPIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SÃO FRANCISCO	47
3.1 Viola minha viola: Uma breve história da viola caipira	47
3.2 Viola caipira: Muito mais que um instrumento musical	50
3.3 Mestre de viola: De tocador a luthier, o mestre Minervino e a viola caipira	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	70

O respeito que temos por Deus é expresso nos dez mandamentos, à viola também tem dez cordas que expressam dez sentimentos. Em verdade eu li digo meu pai a emoção que dá o tempero, mas só quem conhece as dez cordas pode ser um grande violeiro. Violeiro que pega no pino com carinho faz sua escola, em verdade violeiro não toca ele é tocado pela viola.

Tadeu Martins, contador de Causo

INTRODUÇÃO

Sou graduada em história pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e nasci na cidade de São Francisco-MG. Alguns familiares residem até hoje no chamado povoado do Angical, comunidade rural há 26 km da área urbana do município. Nesse lugar também residia um artesão muito especial para mim, o luthier¹ senhor Minervino Gonçalves Rodrigues Guimarães (1929/2009), um exímio conhecedor da técnica de fabricação da viola caipira. Ele recolhia nas roças as madeiras para fazer o seu trabalho como cedro, imburana e pinho; era um homem comum, humilde que expressava na simplicidade da sua arte, o seu amor pelas folias. O senhor Minervino Gonçalves nasceu em 10 de junho de 1929 no povoado do Angical que também é conhecido por Vila da Ponte, foi casado com a dona Manuela Gonçalves de Oliveira com quem teve treze filhos. Trabalhou desde os quatorze anos roçando manga², apenas quando completo dezoito anos que passou a trabalhar como carpinteiro, onde aprendeu com o seu avô conhecedor do ofício com a madeira.

Desde pequeno já se interessava pelas folias³, mas foi só aos dezoito anos que foi influenciado a aprender a arte de fazer a viola, pois queria ter o seu próprio instrumento para tocar nas folias da região. Ele mesmo contava que quando foi pedir ao seu Juca Bitoca⁴ para fabricar uma viola para ele, o mesmo não aguentou ficar esperando sem fazer nada e resolveu ajudar. A partir daí foi aos poucos tentando construir uma viola na própria casa, até mesmo os seus familiares duvidavam que ele fosse conseguir:

Falei: Eu vou fazer ela, a hora que acabar de fazer ela eu vou pôr corda e sair na casa dos vizinhos tudo com lá... tocando (rindo). Aí agora eu saí na casa de um, na casa de outro, na casa de um e agora o povo choveu. Já não ia mais lá mandar ele fazer não... que daqui e ia mandar ele fazer lá, já não ia mais lá não! Agora era aqui em casa. Aí eu meti o pau fazendo, meti o pau trabalhando.⁵

¹ Luthier é o profissional que trabalha com a construção e manutenção de instrumentos musicais. Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/origem-de-luthier>.

² Roçando manga: É uma expressão que faz referência a prática de limpeza de pasto, uma parte específica do espaço rural onde se planeja plantar produtos agrícolas ou mesmo servir de repouso para animais como bovinos e equinos.

³ Folias de Reis: uma das principais manifestações culturais da cidade, realizada em diversas localidades. Desde a área urbana a área rural do município. Também denominadas ternos ou companhias, as folias são manifestações culturais e religiosas cujos grupos se estruturam a partir de sua devoção aos santos como: Reis Magos, Divino Espírito Santo, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Até hoje é uma das celebrações mais praticadas pelas comunidades rurais.

⁴ Considerado o primeiro luthier do município de São Francisco – MG.

⁵ Entrevista com o senhor Minervino feita pelos pesquisadores Wagner Chaves (2005) e Edilberto Fonseca (2005).

Por causa do trabalho árduo na roça e a falta de tempo para se dedicar a fabricação da viola caipira, deixou o ofício aos vinte e cinco anos e só retomou com seus sessenta e quatro anos. Sendo que já não conseguia executar trabalho braçal na roça, e assim passou a se dedicar integralmente a fabricação da viola caipira. Essa ligação afetiva com o espaço que rodeia as celebrações religiosas e culturais e o senhor Minervino vem de muitos anos, pois teve contato com o artesão nos seus anos de ofício como luthier, e também como carpinteiro. Quando se mora em uma comunidade rural é impossível não ter contato com todos, mesmo por que a vida cotidiana é envolta nas relações de convivência entre familiares, vizinhos e conhecidos que ocupam o mesmo espaço territorial.

Aqueles que conheciam o senhor Minervino sabem que mesmo após o seu trabalho passar a ser reconhecido, o mesmo “não perdeu nenhuma das suas características naturais, telúricas, enraizado que continuou na Grotta do Surucucu”⁶, pois logo atrás da sua casa tinha uma grotta que por causa das voltas lembrava uma cobra sucuri enrolada. O interesse pelo objeto de pesquisa já vem de muito tempo, sendo através do contato mesmo que indireto com os grupos de folias que percorrem o entorno dos povoados no município de São Francisco. Essas celebrações são muito recorrentes na zona rural, onde se localiza a maior parte da população da cidade, assim, a vida cotidiana das pessoas das comunidades rurais está diretamente ligada a tais festividades que ocorrem nesses espaços sociais no decorrer do ano.

E os instrumentos musicais são vistos como parte essencial que acompanham essas celebrações, a viola caipira se tornou um grande componente fundamental das celebrações culturais, principalmente das Folias. O objetivo geral da pesquisa é evidenciar os elementos que compõem a relevância da viola caipira como um bem cultural de natureza imaterial. Dando abertura a um maior entendimento acerca do saber fazer a viola caipira, técnica essa realizada e perpetuada por um antigo artesão de viola caipira e rabeca da cidade de São Francisco senhor Minervino. Além de proporcionar a mesma, subsídio para que possa ser registrada como patrimônio imaterial da cidade.

Para tanto, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: apresentar como se constituiu a formação política, social e cultural da cidade de São Francisco; caracterizar os elementos que compõem todo o sistema ritualístico⁷ da Folia de Reis, sendo que essa

⁶ João Naves. Blog: http://joonavesdemello.blogspot.com.br/2009/11/do-cerrado-as-barrancas-do-rio-sao_14.html. Acessado: 10/11/2017.

⁷ Sistema ritualístico: Refere-se a todos os pontos e elementos que compõem a celebração da Folia de Reis, exemplo: os personagens simbólicos como o embaixador e o palhaço, as vestimentas, os instrumentos musicais, os cantos, as toadas, os objetos decorativos entre outros.

manifestação de cunho religioso e cultural é uma, dentre várias celebrações que tem a viola caipira como instrumento imprescindível na sua estruturação, pois não há como praticar a celebração da folia sem os seus instrumentos; e por fim, apresentar as singularidades e particularidades da viola. Onde esse bem cultural possa ser considerado como patrimônio imaterial de uma determinada cidade no interior de Minas Gerais, a cidade de São Francisco.

Após inserção de tais objetivos pressupomos que tais elementos que compõem e auxiliam na construção política, social e cultural da sociedade São- Francisquense estão diretamente ligados e incorporados aos componentes simbólicos de diversos povos, levando cidade de São Francisco a ser vista como espaço detentor de significados e simbologias autênticas do sertão norte- mineiro. Além de rever como a folia de reis pode ser entendida como manifestação cultural de teor primordial relacionada com a viola caipira (objeto de pesquisa em questão). Dando base para a salvaguarda e registro da viola caipira e a técnica de fabricação realizada pelo luthier senhor Minervino, onde a viola caipira seja vista não apenas como um simples objeto instrumental, mas sim, como detentor de significados, expressões, impressões do povo, da comunidade e da sociedade são franciscana.

A viola caipira é um instrumento musical originário das violas portuguesas que foram trazidas ao Brasil durante o período da colonização. Desde a sua chegada ao país, vinda de Portugal a partir de 1500, a viola de dez cordas também conhecida como:

[...] viola sertaneja, viola de dez cordas, viola cabocla, viola de arame, viola de folia, viola nordestina, viola de repente, viola de festa, viola de feira, viola brasileira são alguns dos nomes que encontramos para designar esse instrumento, que aos poucos, tonou-se um dos porta-vozes do Brasil interior.(VILELA, 2011, p. 113).

Objeto possuidor de características simbólicas da cultura popular, no Brasil as suas funções originais de acompanhar festejos populares e religiosos continuaram a ser mantidas. Os instrumentos portugueses, principalmente a viola desembarcaram no território brasileiro pelas mãos dos colonos com o propósito de ser utilizados pelos jesuítas na doutrinação religiosa dos nativos.

Realmente, a música foi um colaborador de extrema importância para o sucesso dessa missão. Assim que aportaram no Brasil, no século XVI, os jesuítas perceberam, claramente, que a música se apresentava como um passaporte seguro para a entrada dos religiosos nas aldeias. (ALMEIDA, 2013, p. 33)

Essa ligação entre os portugueses e os indígenas e africanos iria gerar vários frutos que, muitos anos depois, viriam a colaborar como alicerce da cultura popular, em relação ao instrumento musical em questão, com o passar do tempo os primeiros caboclos começaram a construir violas com madeiras toscas da terra, dando início da viola caipira, mesmo assim não deixando de lado a maestria em definir os detalhes.

Então, pode-se dizer que a mistura de raças que culminou desse processo de conversão dos índios brasileiros à religião católica, [...] fez com que se formassem vários novos signos referentes aos processos culturais nos quais a viola, antes portuguesa, passou a se inserir. Isso produz várias modificações no que tange a seu uso, seja na sua forma de execução, seja na criação de “toques” do instrumento, seja na forma de canto que o acompanha, seja na sua relação, agora íntima, com o ambiente no qual ela passa a se inserir: o sertão brasileiro. Podemos dizer que os processos de ressignificação do uso do instrumento e da sua inserção nos processos culturais foram preponderantes para a formação do que podemos chamar de a “viola do caipira” que culminou na formação do termo “viola caipira”. (ALMEIDA, 2013, p. 49)

A interiorização da viola de dez cordas fez com que ela adquirisse com o tempo, uma importância ímpar para a cultura sertaneja, marcando presença em praticamente todos os seus eventos, desde os festejos sagrados como folias de reis, congados, danças de São Gonçalo, dentre outras festas populares. E com o passar do tempo essa disseminação e apropriação foi dando visibilidade à “viola caipira” passando agora a ser vista não apenas como instrumento advindo e perpetuado pelas comunidades do interior, mas sim como instrumento de grande relevância a história e cultural de todo o território brasileiro⁸.

Além é claro da sua nas manifestações culturais praticadas pelos são- franciscanos, sendo a Folia de Reis uma das mais importantes não apenas em São Francisco, mas em todo território de Minas Gerais. Mas como falar sobre a viola e sua importância como um bem cultural para a cidade de São Francisco, sem retratar a cidade com todas as suas particularidades? Assim a pesquisa foi dividida em três capítulos, no primeiro capítulo vem apresentar uma breve descrição e análise sobre a região em que o objeto de estudo está inserido, que no caso é a viola caipira vista como patrimônio imaterial da cidade. Para

⁸ O projeto de lei 1.921/15 visa registrar a viola caipira como patrimônio imaterial de Minas Gerais, pois mesma sobrevive até hoje as influências da modernidade. Assim, mesmo com o tempo contínua praticamente intacta no interior do País nas manifestações religiosas e culturais. Fonte: https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2015/07/08_ccj_viola_caipira.html.

discorrer sobre a sua formação social, política e cultural de São Francisco. Nesse capítulo utilizamos os estudos de Roberto Mendes Pereira (2015) e Hugo Fonseca Moreira (2010).

Já o segundo capítulo tem como ponto principal demonstrar as diversas faces das Folias de Reis, fazendo uma linha cronológica utilizando como referência a sua origem, o seu desenvolvimento como prática religiosa até sua consolidação como referência religiosa e cultural. Nesse capítulo temos como base teórica pesquisas de vários estudiosos, como Carlos Rodrigues Brandão (2004), Jadir de Moraes Pessoa (2007), Sebastião Rios (2015), Madeleine Félix (2007) e Talita Viana (2015).

E assim, finalizamos a pesquisa com o terceiro capítulo cujo objetivo é destacar a origem da viola caipira, as singularidades levando-a ser vista mais do que meramente um objeto de uso festivo, para assim, um objeto representativo de uma identidade cultural⁹, uma história detentora de toda uma simbologia que eleva tal bem cultural a ser considerado como patrimônio imaterial de uma determinada cidade no interior de Minas Gerais, como a cidade de São Francisco. Ademais, aprofundaremos no papel representativo do senhor Minervino como luthier que fabricava viola caipira com maestria. Esses questionamentos tem base teórica através de pesquisadores como Renato Teixeira Almeida (2013), Wagner Diniz Chaves (2005), Ivan Vilela (2011), Fabio de Souza Miranda (2016) e Edilberto Fonseca (2005).

⁹ Identidade cultural: A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. Fonte: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade%20cultural>.

1. SÃO FRANCISCO – MG: ALÉM DAS MARGENS DO VELHO CHICO

A proposta do primeiro capítulo vem apresentar uma breve descrição e análise sobre a região em que o objeto de estudo está inserido, qual seja a viola caipira na cidade de São Francisco, localizada na mesorregião denominada Norte de Minas. Especificaremos a construção da sua formação social, política e cultural.

1.1 Minas Gerais: Entre os gerais e o sertão

Minas Gerais é um estado de diversas facetas quando falamos de cultura, patrimônio cultural, manifestação cultural e religiosa. No Estado é possível se sentir imenso no período Colonial em cidades como Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, São João Del Rey, Congonhas, principalmente com sua arquitetura barroca e a arte sacra, onde se destaca as obras de Aleijadinho. Além de se deliciar com o pão-de-queijo quentinho saindo do forno, em qualquer região ou cidade, é possível contemplar a Belo Horizonte tão cosmopolita. Terra onde nasce o Velho Chico que serpenteia por grande parte do país, levando esperança para muitas pessoas. Em Minas é possível se sentir um pouquinho no semi árido, na região do Vale do Jequitinhonha, onde outrora Guimarães Rosa desbravou histórias e personagens, como o inesquecível Manuelzão. Quem quiser também pode passar um “bucadinho” de frio em Montes Verdes, lá na Serra da Mantiqueira já na divisa com São Paulo. Doce de leite com queijo da Serra da Canastra, quem nunca?

Mas não podemos negar a diferenciação existente entre as regiões mineiras e a maneira como a cultura é vista, promovida e usufruída por todos. Os limites culturais, ou melhor, as regiões culturais do estado de Minas Gerais são difíceis de serem demarcadas, quando é claro comparamos a métodos padronizados, como regiões políticas, econômicas, físicas naturais, geográficas.

Em relação ao intuito instrutivo de tais delimitações, deve-se fazer a observação de que talvez se trate de uma tentativa de compreender algo relativamente não delimitável. Além disso, os aspectos culturais ultrapassam as fronteiras políticas do estado. A incorporação de tantos elementos culturais faz de Minas, portanto, uma espécie de fonte cultural. Percebe-se profundamente, na cultura mineira, supostas influências oriundas de diferentes povos, o que

proporcionou muitos tipos de mineiridades¹⁰, dotando o estado de manifestações únicas e típicas, e uma extrema diversidade entre as suas próprias regiões. Nos modos de fazer, nos saberes, ritos e celebrações é evidente essas particularidades, proveniente da conjuntura de diversos atores sociais. Mas, não se podem definir claramente as regiões culturais do estado, e como compreender as manifestações culturais, o patrimônio cultural sem fazer essa delimitação? Apegando-se como base aos vestígios históricos da formação da sociedade mineira, para se chegar a uma resposta, mesma ela não sendo totalmente absoluta. Assim, Segundo Hugo Moreira:

Em Minas Gerais, dada à existência de duas formações históricas distintas, que em um dado momento do passado se imbricaram e deram constituição à sociedade mineira, há duas culturas, duas mentalidades e duas identidades diferenciadas. Uma é conhecida e reconhecida: a mineira, pelo simbolismo construído em torno da formação sócio-econômica e cultural vinculada à mineração aurífera e diamantífera. A outra é conhecida e reconhecida pela ficcionalização construída por João Guimarães Rosa sobre o mundo pastoril. São dois signos identitários distintos que devem ser acionados na imagem mental do brasileiro para se falar da totalidade da realidade social em Minas Gerais. O primeiro signo, que identifica a formação mineradora, é mineiro, mas se replica nos signos as Minas ou as Gerais. O campo semântico aí vinculado expressa a região econômica aurífera que foi intensamente controlada pela metrópole portuguesa. O segundo signo se refere à formação pastoril que se iniciou no curso médio do rio São Francisco e se espalhou pelos campos gerais. O signo que aciona a imagem mental é o Sertão ou os Gerais. (MOREIRA, 2010, p.16).

Para o autor o estado de Minas Gerais pode ser dividido em duas regiões distintas, como duas identidades culturais e sociais opostas, mas, que ao mesmo tempo são interligadas. A primeira diz respeito à região contemplada pela aglomeração e exploração de jazidas de ouro e outros minérios. Onde atualmente se concentra grande parte da promoção, difusão e financiamento no setor cultural, principalmente na região que se encontram as principais cidades históricas mineiras.

Território esse, onde se concentra as regiões culturais “Café Oeste Sul”¹¹, “Mineração”¹², “Zona da Mata”¹³ e a região cultural “Triângulo Mineiro”¹⁴, denominações

¹⁰ “conjunto de valores, costumes e tradições que seriam comuns aos mineiros” (RAMALHO, Walderes, 2014, p. 01).

¹¹ Região Café Oeste: Na formação cultural, sobressaem-se os valores herdados do português, do negro e do indígena, acrescidas, posteriormente, de influências advindas de italianos, sírio-libaneses, franceses e japoneses. Cidades como Três Corações, Capitólio, Nova Serrana (Região turística Sul de Minas). Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/RegiaoCulturalDetalhe.aspx?cod_regiaocultural=7.

¹² Região Mineração: A antítese é uma constante na personalidade do mineiro desta região. Em suas origens, encontramos uma população flutuante formada por biscateiros, oficiais, mecânicos, artesãos e comerciantes,

dadas a divisão cultural escolhida, para viabilizar uma maior expansão e divulgação da cultura e turismo no estado de Minas Gerais. Quando falamos da região considerada “Sertão” em Minas, estamos denominando uma característica primordial da área que delimita o território com o estado da Bahia e a visão romantizada expressa na visão de Guimarães Rosa, assim as regiões culturais que fazem parte, ou pelo menos, boa parte estão incluídas nessa área são “Nordeste Mineiro”¹⁵ e a “Sanfranciscana Mineira”¹⁶, não podemos dizer que cada região cultural pertence especificamente, a divisão mesorregional estabelecida. Podemos ter cidades que estão relacionadas com duas, ou mais regiões culturais. Temos a divisão das mesorregiões do estado de Minas Gerais, conforme mostrado na figura 1. Dependendo dos critérios que são estabelecidos, pois há apenas três critérios que caracterizam a região cultural: Região turística, circuito turístico e destino turístico.

principalmente de cristãos novos, escravos, indígenas, ciganos, etc. Cidades como Ouro Preto, Brumadinho e Itabira (Região turística Central).

¹³ Região Zona da Mata: A construção de ferrovias, a abolição da escravatura e o capital estrangeiro proporcionaram transformações sociais, culturais, políticas e econômicas significativas. Cidades como Juiz de Fora (Região turística Zona de Mata), Caratinga (Região turística Rio Doce) e Oliveira (Região turística Centro Oeste). Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/RegiaoCulturalDetalhe.aspx?cod_regiaocultural=3.

¹⁴ Região Triângulo Mineiro: Esta Região também recebeu influências características da Região Cultural da Mineração, já que a exploração de ouro e diamantes faz parte de sua história. Cidades como Uberlândia (Região turística triângulo), Araxá (Região turística Alto Paranaíba) e Presidente Olegário (Região turística Noroeste). Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/RegiaoCulturalDetalhe.aspx?cod_regiaocultural=6.

¹⁵ Região Nordeste Mineiro: Diferentes culturas se fizeram presentes nesta Região, principalmente as culturas índia, portuguesa e negra. Cidades como Pirapora, Salinas (Região turística Norte de Minas), Teófilo Otoni (Região turística Jequitinhonha e Mucuri) e Diamantina (Região turística central). Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/RegiaoCulturalDetalhe.aspx?cod_regiaocultural=4.

¹⁶ Região Sãofranciscana Mineira: Esta região corresponde as terras também descritas por Guimarães Rosa em suas obras. Cidades como Januária, Itacarambi e São Francisco que correspondem ao circuito turístico Velho Chico e a região turística Norte de Minas. Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/RegiaoCulturalDetalhe.aspx?cod_regiaocultural=8.

Figura 01 – Localização e divisão das mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: <http://www.sindojusmg.org.br/site/2013/10/30/inauguracao-oficial-da-subsede-do-sindojusmg-e-assembleias-gerais/>. Acessado: 10/09/2017.

A região do Norte de Minas tem pouca visibilidade no cenário nacional, em relação à promoção, difusão e financiamento da área cultural; podemos dizer que essa situação é reflexo da sua formação territorial, “a população norte mineira é recorrentemente reconhecida como portando uma única identidade, a sertaneja, não uma identidade sertaneja genérica, mas sim sertaneja mineira” (MOREIRA, 2010, p. 52). Essa formação é denominada de uma forma peculiar, onde conotação “sertaneja mineira” expressa algo singular, diferente da visão propriamente dita e retratada do povo mineiro aos outros povos.

Visto assim como apenas uma extensão da Bahia nos seus costumes, práticas sociais e culturais. Mas a formação do povo mineiro é uma conjunção de fatores, muita mais abrangente do que podemos nomear. “Minas Gerais é fruto da conjugação entre a sociedade mineradora nas entranhas da Serra do Espinhaço e a sociedade pastoril disseminada pelas chapadas que se espalham pela bacia do rio São Francisco”, dois lados, duas moedas que se somam e forma uma única sociedade, um único território, um único povo, mesmo com suas características opostas e singulares (MOREIRA, 2010, p.18).

1.2 São Francisco: Uma cidade, uma história.

Na cidade há um conjunto de espaços diferentes, onde se unem os aspectos culturais e sociais. Mesmo assim, temos o espaço rural como local de detenção da memória coletiva e dos saberes populares. O desenvolvimento da cidade moderna deu-se a partir do desenvolvimento da urbanização, ocasionado pela industrialização voltada para a transformação da cidade, nos seus mais variados aspectos, principalmente o econômico. Ao passar dos anos, uma nova visão sobre a cidade foi introduzida, segundo Argan:

A ideia de cidade ideal está profundamente arraigada em todos os períodos históricos, sendo inerente ao caráter sacro anexo à instituição e confirmado pela contraposição recorrente entre a cidade meta- física ou celeste e cidade terrena ou humana. (ARGAN, 2005, p. 74)

O autor afirma a importância da cidade, nos seus mais diferentes contextos, onde em cada período histórico ela apresenta um caráter distinto, enigmático, todas as suas formas se multiplicam retratando a sua utilidade como algo que possa ser tocado e ao mesmo tempo observado. A cidade é um local cheio de forças sociais, econômicas, intenções, sentimentos que juntos são responsáveis pela produção e preservação de imagens, significados e símbolos.

A cidade é muito mais que um território ocupado, é um local onde as relações se firmam e ampliam. Como também podemos identificar o espaço rural como local de preservação de costumes, práticas sociais e culturais, que influenciam obviamente o espaço urbano da cidade, local este diretamente ligado ao espaço da cidade, influenciando através de práticas sociais e culturais. Quando falamos da cidade de São Francisco em questão, podemos apropriar da fala de Pereira, pois segundo ele:

O crescimento da cidade, o perímetro urbano de São Francisco, antes com poucas ruas centrais, começou a se modificar de forma cada vez mais acelerada, aumentando o número de bairros e recebendo pessoas de todas as partes do município. Como resultado até os dias atuais o campo está presente na cidade, não apenas na quantidade de pessoas originárias do interior do município, mas também porque trouxeram para o meio urbano hábitos sociais, práticas econômicas, modos de vida, enfim, sua cultura. (PEREIRA, 2010, p. 45).

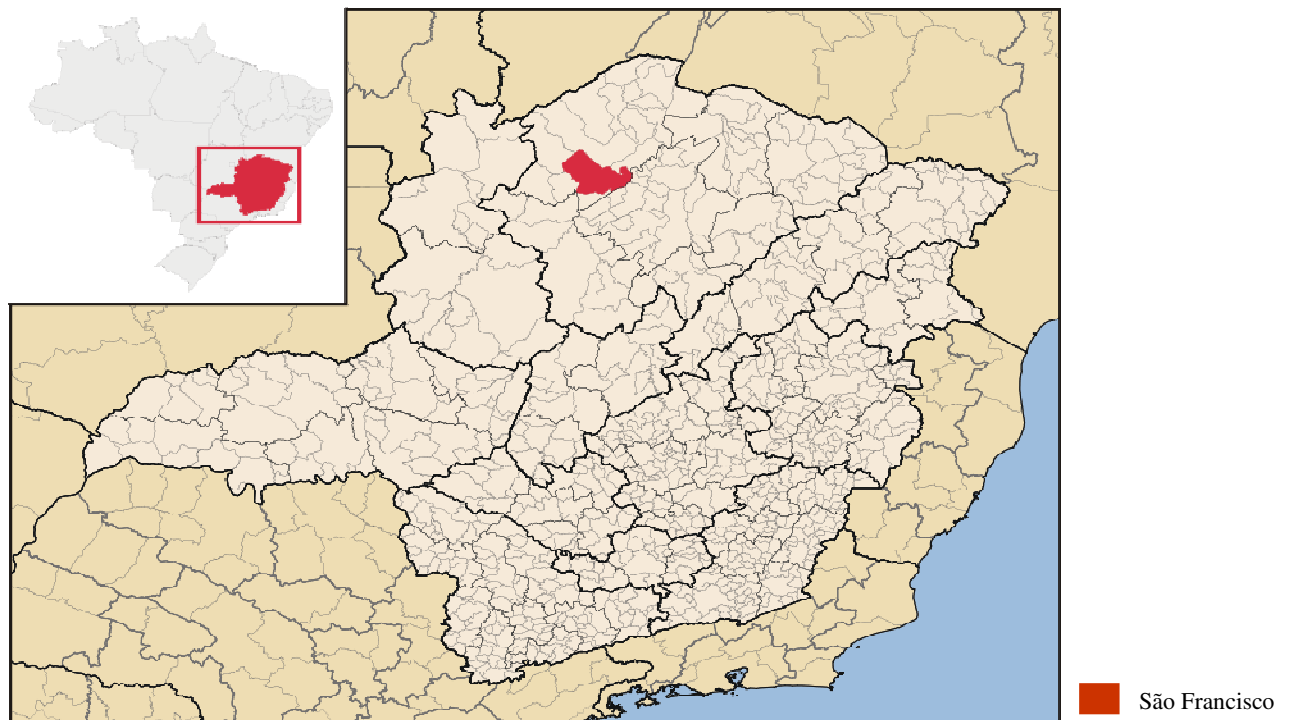
Espaço social, econômico, político e cultural onde há um entrelaçado de relações pessoais que tendem com o tempo estabelecer regras, leis, costumes visando à harmonia, ou

melhor, a organização espacial e comum do local em que estão inseridos. Sendo que tais costumes são na maioria das vezes elementos absorvidos de povos de outras localidades, principalmente comunidades formadas nas zonas rurais. A cidade pode ser considerada um espaço de memória coletiva da sociedade, sendo que memória está associada aos objetos, que trazem lembranças e sentimentos, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LEGOFF, 1924, p. 250). A cidade de São Francisco vivência ao longo da sua formação esse processo, o mesmo ainda está em andamento.

1.3 São Francisco- MG: Histórico e localização

O município de São Francisco está localizado na mesorregião Norte de Minas, conforme mostrado na Figura 02. Tendo como municípios limítrofes Januária, Chapada Gaúcha, Luislândia, Pintópolis, Icarí de Minas, Japonvar e Pedras de Maria da Cruz. São Francisco possui uma área de 3.299,801 Km² e uma população de 69.659 habitantes, conforme dados do IBGE (2016). Na figura 02 demonstra a configuração espacial do território mineiro demonstrando a divisão de todo estado em municípios, demarcando assim localização do município de São Francisco.

Figura 02- Localização do município de São Francisco em Minas Gerais.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg. Acessado: 10/09/2017.

A cidade de São Francisco situa-se no médio São Francisco, a margem direita do rio, em Minas Gerais. Sua população é a 4ª maior do norte do Estado de Minas Gerais. Conquistou a distinção de cidade em 05 de Novembro de 1877, por meio da lei nº 2.416¹⁷, antes de ser considerada cidade esse território teve diversas denominações como: Pedras de Cima, Pedras dos Angicos, São José das Pedras dos Angicos, São Francisco das Pedras e numa homenagem ao rio foi sacramentado o nome definitivo: São Francisco. Segundo Pereira:

A história da cidade de São Francisco está intimamente ligada à história do rio São Francisco e à descoberta do ouro. A ocupação do sertão norte-mineiro se deu através do sertanista baiano e do paulista caçador de índios, que, a fim de combater o contrabando de ouro, foram avançando sertão adentro. (PEREIRA, 2015, p. 43)

¹⁷ Lei nº 2.416 de 05 de Novembro de 1877. Eleva à categoria de cidades as vilas do Pará, Cabo Verde, Carmo do Rio Claro, Dolores da Marmelada e Pedras dos Angicos (atualmente cidade de São Francisco).
Fonte: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=3427.

Figura 03 – Vista para a orla e a igreja principal da cidade (Igreja Matriz de São José).



Fonte: Site: www.pousadapeixe vivo.com.br. Acessado: 10/09/2017

Tais desbravadores, como são denominados nos livros de história, se apropriaram das terras norte mineiras, dos seus recursos naturais, se estabelecendo e dividindo as partes territoriais conquistadas entre seus familiares, como o caso de São Francisco que foi entregue ao sobrinho do coronel Januário Cardoso¹⁸, o então “Domingos de Prado e Oliveira, que se instalou em Pedras dos Angicos, hoje, São Francisco”, onde primeiramente se tornou a chamada Fazenda Pedras de Cima (PEREIRA, 2015, p. 43).

Após o desaparecimento do proprietário Domingos do Prado e Oliveira depois da “conjuração do São Francisco”¹⁹, a Fazenda Pedras de Cima, transformada em povoado de Pedras dos Angicos. Emancipando da paróquia de Contendas conservou o mesmo nome,

¹⁸ Januário Cardoso: Fundou os Arrais de São Romão e Porto Salgado (atual cidade de Januária – MG), faz divisa com a cidade de São Francisco.

¹⁹ Conjuração do São Francisco: Não há documentos que comprovem tal conjuração, na história oficial da formação da cidade é apenas citada a conjuração do São Francisco. Fonte: <http://www.prefeituradesaofrancisco.mg.gov.br/a-cidade/>.

depois foi acrescentado o nome de São José das Pedras dos Angicos. Segundo João Naves²⁰ um dos grandes escritores e apoiadores da história e cultura da cidade:

O município de São Francisco, com uma área de 3.308,1 km² (IBGE), é dividido em sete distritos: sede (cidade), Morro, Lapa do Espírito Santo, Travessão de Minas, Santana de São Francisco, Retiro e Santa Izabel de Minas. A sede, naturalmente o distrito mais antigo, datando de 5 de novembro de 1877, Lei nº 2.416 – a vila Pedras dos Angicos, elevada a cidade, recebeu o nome de São Francisco.²¹

A divisão do município em distritos é uma configuração avançada de administração, descentralizando a mesma da sede (área urbana) e, assim, respondendo aos interesses locais que vêm da formação de tradicionais famílias (elemento principal na estruturação das comunidades locais) ao longo vários anos, também com propriedades, produção econômica, religião e conquistas sociais e culturais, entre outros aspectos.

Essa divisão do município também inclui outros povoados com extensão territorial menor, que mesmo não sendo evidenciados, conforme mostrado na figura 03. Têm uma notável importância na estruturação física, demográfica e geopolítica do município de São Francisco, segundo dados do IBGE a população da cidade está aproximadamente em 69.659 pessoas, sendo que uma grande parcela da população da cidade se encontra na considerada zona rural e onde se localiza tais distritos.

²⁰ Advogado, jornalista e escritor. Fonte: <http://www.aclecia.art.br/curriculo/joanavesdemelo>. ACLECIA (Academia de Artes, Ciências e Letras do São Francisco).

²¹ João Naves de Melo. Trecho retirado do site Portal Veredas. <http://portalveredas.com.br>.

Figura 04 – Localização e divisão dos distritos que compõem o município de São Francisco – MG, 2011.



Fonte: <http://portalveredas.com.br/2016/12/17/nossa-terra-i/#prettyPhoto/4/>. Acessado em: 15/08/2017.

Na divisão territorial do município de São Francisco, em 2014, a comunidade de São João das Missões foi denominada o mais novo distrito da cidade, integrando assim outros povoados de pequeno porte à sua extensão territorial. Cidade essa com suas histórias e memórias que vai além de meros causos e prosas, onde os verdadeiros atores sociais e culturais estão presentes. Sendo fisicamente ou nas memórias da sociedade são franciscana, nas suas ruas ou gravada mesmo que inconscientemente nas histórias que são repassadas de geração para geração.

Como a cidade é situada às margens do rio São Francisco, sua população pode ser chamada por ribeirinha²², vazanteiros²³ entre outras denominações que expressam suas características marcantes. E nas palavras do escritor, Guimarães Rosa, em “Grande Sertão:

²² São pessoas que residem nas proximidades dos rios e têm a pesca artesanal como principal atividade de sobrevivência.

²³ “É gente que mora no espaço inundável, onde, temporariamente, planta e colhe, até que a cheia apareça. Esses homens e mulheres da margem do São Francisco definem o tempo de suas vidas de acordo com o tempo do rio, e por isso estabelecem laços de pertencimento e de dependência com o ambiente”. (IEPHA, 2015, p. 36)

Veredas”: “E a formosa cidade São Francisco – que é a que o rio olha com melhor amor” (ROSA, 1956, p. 364), onde o mais lindo pôr do sol se encontra, conforme demonstra a figura 04.

Dentre todos os bens culturais que constituem a paisagem do Rio São Francisco, o pôr do sol se apresenta como um dos elementos poéticos da cultura local. O espetáculo por ele promovido não se limita aos momentos contemplativos, mas faz parte da identidade presente no cotidiano daqueles que fazem do cais seu espaço de vida. Contemplado desde os tempos dos primeiros habitantes, o pôr do sol no São Francisco parece nunca repetir seu cenário, pois, composto pelas nuvens, pelos lugares e diferentes climas, o acontecimento a cada dia apresenta um novo horizonte de cores e sentidos para a população norte-mineira, que vê na contemplação do pôr do sol uma maneira de agradecer ao Rio São Francisco por todas as suas dádivas. (IEPHA, 2015, p. 111)

Figura 05 – Por do sol da cidade de São Francisco – MG



Fonte: Arquivo pessoal de Marcela de Souza Alves. Acessado: 10/01/2017

Para o professor universitário Roberto Mendes Pereira atualmente presidente da ONG “Preservar”²⁴, e um autêntico são franciscano, o rio que deu origem a nomenclatura da cidade é muito mais do que apenas um recurso natural econômico e de subsistência:

Certamente, em toda sua extensão, o São Francisco tem múltiplos e diferentes significados para suas populações ribeirinhas, dadas as diferentes finalidades de suas águas. Utilizado com fonte de energia, através das hidrelétricas; como recurso econômico e de subsistência, através da pesca artesanal e agricultura em suas margens; como atração turística, com praias e clubes em muitas cidades, ou mesmo como referência cultural, já que é inspiração para elaboração popular de lendas, causos, dentre outros elementos da tradição ribeirinha, “O Velho Chico” como carinhosamente foi apelidado, apresenta uma importância social, econômica e cultural significativa para as pessoas que moram nas suas margens. (PEREIRA, 2015, p. 16)

O Velho Chico como o próprio autor explica é muito mais do que apenas um rio, uma ferramenta de provisão, um elemento que contribuir para a economia daqueles que estão as suas margens. Ele tem inúmeros sentidos para aqueles que usufruírem das suas águas, sua história e sua representatividade.

São Francisco é uma cidade que trás na sua história e formação sociocultural elementos detentores de significados e simbologias autênticas ao sertão e da região ribeirinha, uma cidade com variadas manifestações culturais como festas religiosas e folclóricas, festas regionais populares em varias comunidades rurais, distritos e na própria área urbana do município. A própria administração tem uma agenda cultural com todas as manifestações culturais da cidade, “No rol de festividades dos pescadores estavam as festas de Boi de Reis e da Folia de Reis, ambas comemoradas do dia 25 de dezembro a 6 de janeiro, e ainda festa do Reis do Cacete, Dança do Carneiro, do São Gonçalo, entre outras” (PEREIRA, 2015, p. 103). Ademais, as danças que acompanham as folias²⁵ (a Catira, o Lundu, o São Gonçalo, o Carneiro entre outros):

As folias ainda acontecem na cidade e no campo, vivenciadas, porém, principalmente pelos mais idosos. Quanto à festa do Boi de Reis, é possível perceber nessa expressão cultural a participação e envolvimento de pessoas

²⁴ ONG PRESERVAR: Núcleo de Pesquisas e Preservação do Patrimônio Cultural de São Francisco, criada em 2001 e teve como seu primeiro presidente João Botelho Neto. Fonte: <http://portalveredas.com.br/2017/03/13/ong-preservar/>.

²⁵ Folias de Reis: uma das principais manifestações culturais da cidade, realizada em diversas localidades. Desde a área urbana a área rural do município.

mais jovens, muitas até crianças. Essa festividade ganha novos sentidos, com a inclusão de elementos às danças e à teatralização da história contada, descaracterizando a sua originalidade. (PEREIRA, 2015, p. 118).

Além dos artesanatos com características indígenas que são produzidos e comercializados principalmente pela “Comunidade Quilombola do Buriti do Meio”²⁶, e a “Comunidade Quilombola Bom Jesus da Prata”²⁷. A comunidade quilombola do Buriti do Meio ainda praticam alguns costumes culturais como as danças: a dança da coruja, a dança do carneiro, o maculelê e o lundum. Na comunidade quilombola Bom Jesus da Prata, os costumes culturais do quilombo não são praticados expressivamente, pois a grande maioria do grupo se tornou evangélico, e deixaram de lado os costumes dos seus antepassados.

Além dos grupos quilombolas, que fabricam artesanato, também há aqueles produzidos pelos vazanteiros e barraqueiros. “Nas ilhas e barrancas do rio São Francisco e nas margens de outros grandes rios que existem no Norte de Minas existem os barranqueiros, e nas vazantes dos rios que alimentam o São Francisco em sua porção norte-mineira estão os vazanteiros.” (MOREIRA, 2010, p. 67). Essas duas denominações tem como finalidade diferenciar os grupos que residem em locais específicos junto ao rio São Francisco, onde aqueles que estão diretamente ligados às margens do rio e usufrui do mesmo são chamados de “barranqueiros”, e aqueles grupos que vivem as margens dos afluentes do rio que ao longo do ano surgem as vazantes são chamados de “vazanteiros”.

A principal obra que conta a história dessa cidade é São Francisco nos caminhos da história, do memorialista Brasileiro Braz, lançada em 1977 em comemoração ao centenário de emancipação político-administrativa do município. Até hoje ela se apresenta aos moradores de São Francisco como principal referência no que tange aos registros históricos desse lugar. (PEREIRA, 2015, p. 20)

Uma das primeiras fontes de pesquisa acerca da história oficial da cidade de São Francisco foi produzida pelo então memorialista Brasileiro Braz, como citado pelo autor acima.

²⁶ Buriti do Meio está certificada desde 14/06/2004 pela Fundação Cultural Palmares.

²⁷ Bom Jesus da Prata está certificada desde 15/05/2005 pela Fundação Cultural Palmares.

2. FOLIA DE REIS: ENTRE O SAGRADO E PROFANO

O segundo capítulo tem com objetivo demonstrar as diversas faces das Folias de Reis, fazendo uma linha cronológica utilizando como ponto de referência a sua origem, o seu desenvolvimento como prática religiosa até sua consolidação como referência religiosa e cultural. Tendo como base teórica pesquisas de vários estudiosos da área, como Carlos Rodrigues Brandão (2004), Jadir de Moraes Pessoa (2007), Sebastião Rios (2015), Madeleine Félix (2015) e Talita Viana (2007).

2.1 Folia de Reis: Uma história extramuros

Como falar das folias de reis e sua representação social e cultural para a sociedade são franciscana sem antes entender o seu processo de formação, sua ligação transcendental com a religião (mesmo essa relação sendo considerada de natureza profana e sagrada ao mesmo tempo), além do seu papel como elemento primordial de consolidação da cultura popular no país? Manifestação esta de cunho cultural e religioso, que tem na prática devocional o seu alicerce na vida das pessoas.

A história que cerca o imaginário coletivo acerca da folia de reis e sua origem tem como base uma importante passagem bíblica, “Apenas os evangelhos de Mateus e de Lucas tratam do nascimento e da infância de Jesus” (PESSOA, 2007, p.12), passagem que evidencia a longa jornada dos “Três Reis Magos”, personagens principais da festa de Folia de Reis, ou melhor, dizendo Folia dos Três Reis Magos. A mesma é uma manifestação que perpetua a tradição religiosa cristã que aos poucos foi se aprimorando e assimilando na sua composição outros elementos, Segundo Hobsbawn:

(...) tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.(HOBSBAWN, 1997, p. 09).

Assim, podemos entender que a prática que envolve a folia de reis se consolidou como tradição pelo perpetuamento e repetição do seu ritual ao dos longos dos séculos, além dos

seus elementos palpáveis serem inseridos, ou mesmo ressignificados no imaginário coletivo das sociedades em que se estabeleceu como prática devocional cristã. Decorrencia é claro da relação espreitada entre as comunidades e os santos, sendo que “A relação com os santos é praticamente pessoal, numa dinâmica que implica em trocas materiais e simbólicas, criando uma ampla circulação de dádivas e conhecimento” (HORTA, 2001, p 79); e levando ao fortalecimento da propagação e difusão dessa prática religiosa e cultural.

A Folia de Reis é também conhecida como Reisado ou Folia dos Três Reis Magos, é uma festa popular de caráter cultural e religioso, como já foi explicitado anteriormente. Realizada entre o período do Natal até o dia 6 de janeiro. Dia esse considerado o dia dos Três Reis Magos. A tradição diz que, quando os três Reis Magos Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar, viram a Estrela de Belém no céu²⁸, a seguiram e foram ao encontro de Jesus, que havia nascido. Ofereceram ao menino Jesus, como presente, ouro, incenso e mirra, que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade. Segundo a tradição, um era negro, o outro branco e o terceiro moreno, representando toda a humanidade. Muitos países celebram essa data, e a Folia de Reis é comemorada de modo particular em cada região do Brasil:

A devoção aos Reis Magos e outras formas de referência a eles se incorporaram de maneiras diferenciadas às diversas realidades econômicas e culturais do território brasileiro, à medida que se deram a implantação e o desenvolvimento da colonização portuguesa. Ou seja, o que foi acumulado ao longo de quinze séculos de registros e interpretações, de pinturas em sarcófagos e catacumbas, de textos religiosos e literários e outros, expressando a viagem dos Reis Magos a Belém, veio a fazer parte do processo de formação populacional, econômica e cultural brasileiro. (PESSOA, 2007, p. 155)

Na Folia de Reis, grupos organizados de pessoas saem pelas ruas da cidade, visitando as casas e tocando músicas populares e entoando cânticos bíblicos em homenagem aos reis magos e ao nascimento de Jesus. Junto com os músicos vão pessoas vestidas com roupas de personagens ligados ao tema da festa.

Aqui, a folia, como a música e o drama foi usada pelos jesuítas para a catequese. [...] com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre os colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros. Deste modo, a combinação de procissão seguida de folia tornou-se recorrente na formação das expressões de música tradicional, como a Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Dança de São Gonçalo. (RIOS, VIANA, 2015, p. 36-37)

²⁸ “(...) a estrela é muito mais uma afirmação de fé daquela comunidade na divindade do recém-nascido de Belém.” (PESSOA, 2007, p. 30)

Alguns aspectos tradicionais da Folia de Reis foram trazidos para o Brasil no final do período colonial pelos portugueses. A porta de entrada foi o nordeste brasileiro. Porém, em nosso país a Folia de Reis ganhou traços culturais particulares, incorporando aspectos da cultura brasileira. Um destes exemplos está presente na música com a presença das batidas típicas, vale dizer também que a Folia de Reis possui traços particulares em cada região do Brasil, “É uma complexa manifestação de pessoas tradicionalmente habitantes das pequenas cidades do interior e do sertão” (RIOS e VIANA, 2015, p 17), que aos poucos vai tomando espaço em outros territórios, como nas grandes metrópoles, e cidade consideradas de médio e grande porte.

A Folia de Reis é muito mais do que uma simples e pacata manifestação religiosa, pois a partir dela se desenvolve todo um sistema de trocas entre os festeiros, os donos das casas que recebem a folia, e toda a comunidade que está envolvida direta e indiretamente com essa prática cultural e religiosa.

A comunicação do grupo de folia com os donos da casa e com os festeiros se faz por meio da música. Está é, portanto, central nas unções da Folia de Reis e indissociável das obrigações religiosas e da devoção que por meio dela se expressa. Trata-se, assim, de uma função religiosa conduzida pela música. Nesse sentido, embora presente, o prazer estético de ouvir e cantar, tocar e dançar é indissociável do contexto do ritual. Os foliões são, normalmente, bons cantores e alguns também muito bons instrumentistas. (RIOS e VIANA, 2015, p. 28).

Esse sistema de troca entre os atores sociais que estão incluídos em todo o ciclo imaginário da Folia de Reis tem como ponto central estabelecer os papéis e os espaços que cada um desses atores tem em todo esse sistema, “Ao contrário dos cultos carismáticos, não se espera que nada de extraordinário aconteça ali, no lugar onde se festeja” (BRANDÃO, 2004, p. 28), mesmo que um dos pontos principais e relevantes de todo o processo ritualístico da folia esteja diretamente ligada a um milagre realizado, que por ventura tenha sido pedido através de uma promessa, sendo posteriormente paga através realização da folia.

E assim, nesse processo todos os elementos, todos os atores envolvidos tem a nítida certeza que o próprio ritual da folia, mesmo que tenha sido ao longo dos anos de das gerações se transformando e assimilando novos elementos. Ainda é uma manifestação cultural e religiosa que tem o intuito de representar a viagem do Reis do Oriente a Belém para adorar o menino Jesus, mesmo que a “Folias de Reis são cortejos religiosos populares que giram – com

frequência, mas não exclusivamente – no período do Natal (noite de 24 de dezembro) até o dia de reis (6 de janeiro)” (RIOS e VIANA, 2015, p. 27). Também há diversos grupos de foliões que ao longo de todo ano realizam giros de folia, em outras épocas do ano, pois “Tem acontecido na região, nos últimos anos, da Folia de Reis sair fora desta época para atender o cumprimento de promessa, feita por algum folião”. (CANESIN E SILVA, 1993, p.18).

2.2. Entre os ritos simbólicos e sociais da folia

Embora se vistam com trajes parecidos, exceção é claro do palhaço, todos os foliões tem papéis específicos, eles fazem parte de todo esse sistema simbólico religioso e cultural, que se concretiza na Folia. Existe uma disposição espacial para todos envolvidos na celebração, assim todos precisam estar cientes de quais funções cada um possui:

Os grupos de músicos e cantores que integram as várias companhias de Reis têm uma disposição espacial própria. Esta não é muito perceptível nos deslocamentos pelas ruas das cidades ou pelos caminhos na roça, mas se torna evidente assim que o grupo forma para dar início ao cantório em cada função, normalmente nas varandas ou dentro das casas. (RIOS e VIANA, 2015, p. 39).

Mesmo que essa disposição não seja nítida a todos, quando esses homens e mulheres (pois em alguns grupos de folia tem a participação das mulheres, em toda sua estruturação) começam a sua trajetória ritualística e simbólica, que há a percepção de toda disposição de cada membro do grupo de folia. Para quem já está ciente e familiarizado como os grupos de folia, a sua composição e definição dos papéis de cada um já não traz surpresas, assim todos envolvidos entendem a importância de todo esse sistema simbólico. Para Brandão:

A organização da Companhia dos Três Reis Santos pode ser explicada de duas maneiras: a) através das posições dos integrantes segundo o exercício de controle interno do ritual; b) através das posições dos integrantes segundo a atuação no ritual. (BRANDÃO, 2004, p. 347)

Essa organização tem como principal objetivo normatizar e descrever os principais personagens que estão inseridos em toda a celebração, desde o que tem um papel menos

favorecido, até aquele que detém todo poder do ritual. Na figura 06 mostra um grupo de folia se apresentando em plena praça.

Figura 06 – Apresentação do grupo de folia.



Fonte: Renato Araújo/Arquivo Nacional. Acessado: 10/09/2017²⁹.

Por isso cada um tem um papel primordial em todo processo, desde a organização da Companhia até toda a trajetória que os mesmos terão que percorrer para que a folia seja realizada. E assim, o principal objetivo da mesma seja alcançado. Não há uma definição específica de como a Companhias de folia tem que ser organizar, assim, segundo Canesin e Silva:

Apesar de todas companhias comemorem a visita dos Três Reis Magos ao Menino, a Folia de Reis de cada região, de acordo com o entendimento de seus participantes, tem o seu jeito próprio de se organizar. Elas criam as suas cantorias e inventam maneiras diferentes de tirar a folia de acordo com os

²⁹ Site: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/fofia-de-reis-e-declarada-patrimonio-cultural-imaterial-de-minas-gerais>. Acessado: 10/09/2017.

costumes e as condições de vida dos moradores da região. Assim, algumas folias saem a cavalo; outras, a pé. Andam à noite ou durante o dia. Outras, por terem muitos foliões, se dividem em dois grupos e cada um caminha por um lado, se encontrando em alguns momentos. (CANESIN e SILVA, 1993, p. 32).

Onde as mesmas tem toda abertura de modificar, incluir ou excluir determinado aspecto que não seja satisfatório a todos que estão que circundam o grupo. Mas os componentes chaves que integram a sistematização do grupo de folia não podem ser modificadas, pois são à base de consolidação e efetivação de um todo. Onde cada um dos foliões tem uma atuação distinta dentro da celebração, assim encontram-se atribuições regulares que viabilizam a organização da folia e sua saída (como mostra a figura 07) em cada ano. Os três primeiros personagens identificados na figura 07 estão fazendo referência aos três reis magos, onde o principal está segurando a bandeira (símbolo da trajetória percorrida pelos reis magos), posteriormente estão distribuídos em três fileiras os componentes do grupo de folia.

Figura 07 – Saída da folia.



Fonte: Arquivo do IEPHA. Acessado: 10/09/2017³⁰

³⁰ Imagem referente a uma das folias cadastradas no projeto “Folias de Minas”.

Existem três funções principais, que todo grupo, ou melhor, companhia obrigatoriamente tem quer em sua formação; o embaixador também chamado de mestre ou capitão em alguns grupos de folias “o embaixador considera-se, ao mesmo tempo, um empregado dos Reis e o dono ou responsável pela folia de sua companhia” (BRANDÃO, 2004, p. 348); o contra- mestre ou contra- guia que tem como finalidade ser a voz intermediária“ é responsável pela resposta da música da folia. Ele é quase um mestre.”(CANESIN e SILVA, 1993, p. 25); o gerente que tem a função “ que cuida da disciplina do grupo.

Ele reúne os foliões e faz as advertências a respeito dos atributos religiosos e de obrigação do ritual”(BRANDÃO, 2004, p. 348); e os foliões, entre eles está o chamado palhaço que “[...] acompanham e vigiam a bandeira. Usam uma farda colorida e trazem o rosto coberto por uma máscara de aspecto normalmente amedrontador”(RIOS e VIANA, 2015, p. 39), onde tem o papel importante de guardar a bandeira, mesmo que em algum período de toda a comemoração a bandeira seja carregada de uma casa para outro por outros participantes da folia. Essa é a sequência de hierarquia que todo grupo de foliões estabelece.

Mesmo que em cada grupo tenha personagens distintos esse parâmetro tem que ser seguido, pois está incluído em todo o propósito da comemoração cultural. Uma manifestação estritamente ligada devoção religiosa, que não se limita ao espaço religioso da igreja. E no que se refere aos preparativos da Folia de Reis existem três particularidades específicas: do festeiro “o dono da casa da entrega (lugar onde a folia faz a adoração ao Menino Jesus e onde termina o giro, no dia 6 de janeiro), ele é responsável pela festa de Reis “(BRANDÃO, 2004, p. 349), e dos próprios foliões (que não costumam fazer ensaios, seu único trabalho é com seus instrumentos para afiná-los), além também dos moradores que recebem os foliões em suas casas, como também os chamados acompanhantes:

Os acompanhantes são todas as pessoas que seguem a jornada da folia durante todo o seu trajeto ou durante parte dele, sem participarem das funções rituais dos foliões. Quase sempre um acompanhante está ligado à folia por razões de fé e de prática religiosa. Ele é um novo devoto de Santos Reis, ou alguém que cumpre promessa. (BRANDÃO, 2004, p. 349).

Todos que participam direta ou indiretamente da folia, que não esteja envolvido nas práticas de todo o ritual são considerados acompanhantes. Pessoas comuns que se alegrem por simplesmente estarem usufruindo de toda a comemoração, sendo apenas ouvinte ou receptor de tal adoração. Alguns desses acompanhantes também podem ter o privilégio de em algum

momento carregar a bandeira da folia, são os chamados bandeiristas eventuais, que só carregam a bandeira de uma cada para outra e depois se despede do grupo.

Pois “a bandeira é o objeto ritual de maior valor religioso” (BRANDÃO, 2004, p. 354), que traz descrita através das figuras pintadas do Menino Jesus, Maria e São José recebendo a visita dos três Reis Magos; na sua ornamentação há uma abundância de brilho e de cores onde se ostenta a alegria e satisfação ligada à jornada percorrida pela celebração, “então, em obediência à devoção, a folia tem quatro partes: a saída, o giro, o pouso e a recolhida que representam os vários momentos da viagem dos Três Reis Magos” (CANESINE e SILVA, 1993, p. 32). Em qualquer celebração de Folia de Reis há uma divisão de todos os passos, trajeto e que todo folião terá que percorrer até chegar a seu destino final, pois a missão primordial da Folia de Reis é completar a jornada. Assim, a folia tem que fazer o trajeto da casa do folião do ano para a casa do festeiro, compreendendo todo o percurso do giro. Segundo Rios E Viana:

O giro compreende todo o período em que a folia sai, revivendo, em cada casa visitada, a noite de adoração ao Menino Deus pelos Três Reis do Oriente e recolhendo donativos para um banquete comum realizado na festa de entrega da folia, que, tradicionalmente, era realizada no dia 6 de janeiro. (RIOS e VIANA, 2015, p. 44).

Onde em cada casa que os foliões passam, os mesmos são recebidos com respeito e adoração, e os moradores que tem a oportunidade de receber em sua residência os homens e mulheres agraciados pela honra de comemorar tal celebração, “a bandeira de Santos Reis ocupa lugar central e constitui meio privilegiado para a intermediação com a ordem supramundana. Ela é capaz de trazer as bênçãos e as graças de Deus, de propiciar ganhos materiais e de curar enfermos.” (RIOS e VIANA, 2015, p. 32), assim como mostra a figura 08, onde há a entrega da bandeira (símbolo essencial para a Folia de Reis) pelos foliões aos donos da casa, chamados festeiros do ano.

Figura 08 – Entrega da bandeira aos festeiros do ano.



Fonte: Fonte: Arquivo do IEPHA. Acessado: 10/09/2017³¹

Através do esquema organizacional criado pelo pesquisador Carlos Rodrigues Brandão há possibilidade de se compreender toda dicotomia envolvida no processo de realização do festejo da Folia de Reis. Que segue especialmente o percurso realizado pelos “três reis santos” e toda a sua jornada. No mesmo vem explicito a divisão sequencial de toda trajetória realizada pelos envolvidos na celebração.

³¹ Imagem referente a uma das folias cadastradas no projeto “Folias de Minas”.

ESQUEMA ESPACIAL - A Jornada dos Três Reis Santos

Pouso de janta	Giro	Pouso de almoço	Giro	Pouso de janta
Lugar de saída a cada manhã.	Percurso ritual do peditório de esmolas.	Pouso do meio-dia, para almoço.	Percurso ritual do peditório de esmolas.	Lugar de chegada ao fim do dia, para jantar e repouso.

Fonte: (BRANDÃO, 2010, p. 351).

Todos esses pontos de referência precisam ser contínuos, onde cada parte tenha sua característica conservada. Pois, para uma maior apreciação da festividade, a folia tem que seguir todas as regras já pré- estabelecidas. “[...] em obediência à devoção, a folia tem quatro partes: a saída, o giro, o pouso e a recolhida que representam os vários momentos da viagem dos Três Reis Magos” (CANESINE e SILVA, 1993, p. 32). O esquema criado por Brandão vem situar como os grupos de foliões se organizam baseando-se na divisão dos momentos chaves de todo esse ritual. Desde o momento da saída na casa do folião do ano, até a chegada a residência do festeiro.

Sendo que os mesmos (foliões) também irão ter contato com outros moradores (devotos ou não) que estejam no caminho do trajeto escolhido, e assim no próprio esquema criado por Brandão, o pouso sendo ele no período da tarde ou a noite será na casa de algum morador que acolherá os foliões até o seu trajeto final, onde seria a residência dos festeiros. Segundo Pessoa e Félix:

[...] o pouso consta das seguintes etapas: chegada ao arco – a cantoria saúda o arco, que via de regra, é instalado à porta da morada. Nas regiões onde há o costume, faz-se uma pausa para que os palhaços procurem as “surpresas”, algum dinheiro escondido no arco para que eles o encontrem; a cantoria chega ao interior da morada e, em geral, coloca a bandeira no altar; reza do terço; janta dos foliões e convidados; baile ou catira – que pode existir ou não, dependendo da região e do ‘regime’ da Folia; descanso dos foliões. (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 204).

Apesar de uma aparente informalidade, para que o período de pouso seja realizado de forma mais precisa, e a celebração da folia não passe por adversidades. O mesmo (o pouso) precisa ser organizado previamente, por isso antes do encontro dos foliões para o prosseguimento da festividade, assim “[...] dar pouso aos foliões serve como meio de pagamento de uma promessa feita” (BRANDÃO, 2004, p. 392). Com isso, os envolvidos precisam organizar e decidir quais os locais e residências onde os foliões serão recebidos para o pouso. Todos esses aspectos necessitam estar resolvidos antes da saída da folia ao seu destino final.

No intuito de finalizar toda a festividade do momento da saída (da residência do folião do ano) até a chegada (a residência do festeiro), o grupo de folia em todo seu trajeto procura recolher donativos com a finalidade de contribuir na comemoração final da folia na residência dos festeiros. Todo ritual da folia na prática como cita Pessoa e Félix é visto como:

[...] um pacto entre o padroeiro (Santos Reis), agentes (foliões, gerentes, festeiros e seus auxiliares) e devotos (os moradores), pelo qual ficam estabelecidos estreitos compromissos: o padroeiro oferece bênçãos e proteção e recebe a generosa dedicação de todos; os agentes dedicam-se inteiramente ao serviço tanto do padroeiro quanto dos devotos; os devotos se comprometem a receber com fé a visita do padroeiro e retribuir com donativos generosos suas bênçãos e sua proteção. (PESSOA e FÉLIX, 2007, p. 194).

Deste modo, esse sistema de trocas simbólicas e socialização de laços culturais que mediante a toda a performance ritualística da folia, tem o aparato de todos os atores sociais envolvidos no seu gerenciamento e perpetuação. A folia oferece aos homens e mulheres a possibilidade de acesso ao campo de produção simbólica, que por hora atende ao propósito da realização da celebração. Um dos pontos essenciais de todo sistema da celebração é a música, pois mesma está presente em todos os momentos do ritual. Assim, segundo Rios e Viana:

A Folia de Reis reúne uma série de funções religiosas que são conduzidas por meio da música. A devoção, o cumprimento de uma promessa, a oferta de um almoço ou de um pouso, a realização das visitas, a saudação de um altar ou de um presépio, tudo se faz mediante o cantório (RIOS e VIANA, 2015, p. 95)

A música tem o poder de elevar toda a celebração da folia, pois está envolvida em todas as etapas. Por isso os instrumentos musicais que são utilizados em todos os rituais da folia, são primordiais para a manutenção e difusão dessa celebração. Segundo Brandão:

A folia de reis tem pelo menos duas violas, dois violões, uma rabeca (antigo instrumento popular semelhante a um violino) ou uma sanfona, dois pandeiros e uma ou duas caixas (tambores rústicos). Constituído dessa forma, o grupo de foliões é um conjunto ritual de cantores e tocadores de instrumentos. (BRANDÃO, 2004, p.350)

Exaltando o comprometimento de todos os personagens da folia e também daqueles atores secundários que participam de forma indireta, mas que ao mesmo tempo tem um papel fundamental na manutenção e perpetuação dessa memorável celebração. Todas as práticas devocionais relacionadas à Folia de Reis possibilitam uma maior integração entre todas as pessoas das comunidades, além de contribuir para o fortalecimento dos vínculos simbólicos, das vivências e perpetuação da reciprocidade devocional.

2.3 Ritos e celebrações: A Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais

Folia de Reis é uma tradição popular característica do meio rural que transcende o âmbito religioso de sua origem ao incorporar aspectos profanos que a identificam na cultura brasileira como manifestação cultural. Ela representa de forma simbólica a viagem dos três reis magos em busca do menino Jesus. As manifestações culturais e religiosas como a Folia de Reis, é de extrema relevância uma vez que esses grupos de folia fazem parte de um sistema amplo de relações de troca e reciprocidade, no qual se incluem os festeiros, os moradores visitados, além de todos aqueles que estão indiretamente ligados com tal manifestação. Cria-se assim, um sistema de troca de bênçãos, onde a festa, a reza e a devoção se interligam.

As celebrações ribeirinhas são permeadas por uma atmosfera de fé, e o tempo de rezar é sagrado. No sertão, o Divino Espírito Santo e demais padroeiros de devoção, para permanecerem nos merecidos e celestiais tronos, aos quais têm direito, frequentam as humildes casas onde estão representados em estampas, imagens, pequenos altares e oratórios. (IEPHA, 2016, p. 75)

Celebrações essas que permeiam o imaginário coletivo das comunidades ribeirinhas localizadas as margens do rio São Francisco, que traduzem de forma simples e direta como a Folia passa a ser uma manifestação cultural viva e religiosa presente no seu cotidiano e passa, com isso, a ser reconhecida como um elemento significativo na constituição da identidade

cultural da sociedade mineira, principalmente da região ligada diretamente ao rio São Francisco. Para tanto, não é apenas estabelecer uma opinião acerca do que pode, ou não, ser considerado como bem cultural, para isso as políticas públicas culturais tem grande importância na disseminação e efetivação dos direitos culturais e na democratização dos bens culturais a população. Segundo Rios e Viana:

Nos artigos 215 e 216 da Constituição promulgada em 1988, o conceito de Patrimônio Cultural abarca tanto obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor, o patrimônio material, quanto manifestações de natureza “imaterial”, relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas; experiências diferenciadas nos grupos humanos, chaves das identidades sociais. Incluem-se aí as celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas, tantas expressões diferentes que fazem nosso país tão diverso e rico. (RIOS e VIANA, 2015, p. 15-16).

Mesmo que tal legislação tenha sido estabelecida na Constituição de 1988 com o intuito de referenciar o que é considerado patrimônio imaterial é apenas a partir da determinação do Decreto nº 3.551 de 04 de Agosto de 2000 onde se normatiza os principais instrumentos para preservação da mesma, que os bens culturais de valor imaterial foram vistos como importantes elementos da cultura. Tendo em vista que por muito tempo o patrimônio cultural brasileiro foi associado apenas aquele patrimônio de pedra e cal, onde a arquitetura e estética era o centro preservação. Com a nova normatização foram estabelecidos pontos centrais que auxiliam no andamento das medidas protetivas aos bens de natureza imaterial. Segundo o decreto vinculado ao patrimônio imaterial:

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. § 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros: I – Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III – Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV – Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. § 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. § 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo deste artigo. (Legislação sobre Patrimônio Cultural, 2013, p. 243).

No decreto regulamentado fica definida a incorporação de instrumentos que possibilitem o registro do patrimônio de natureza imaterial, além de definir os livros específicos de registro, e abrir precedentes aos Estados refazerem ou até mesmo criarem novas políticas públicas culturais que tenham como prioridade a salvaguarda dos bens culturais de natureza imaterial. Dando assim uma maior visibilidade a todos os envolvidos, para Rios e Viana:

O patrimônio imaterial como as festas e celebrações, as músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da cultura popular só se conservarão, efetivamente, se vividos por pessoas em condições, com garantias, liberdade e interesses em vivenciá-los de modo dinâmico e criativo. (RIOS e VIANA, 2015, p. 16).

Pois não se pode preservar um bem imaterial se não houve a participação das pessoas inseridas no espaço social onde ele encontra-se, mesmo que haja o registro através de formulação de dossiê, com descrição, imagens e vídeos. O mesmo só terá visto como elemento de detenção simbólica se houver a sua perpetuação e difusão, não apenas o ato de registrar pode garantir que permaneça salvaguardado. Sendo assim, as políticas públicas que auxiliam na preservação do patrimônio imaterial tendem a criar um programa que ajudem em tal empreitada.

É o caso das políticas³² e programas relacionados à preservação do patrimônio imaterial do estado de Minas Gerais, isso no que diz a respeito à proteção jurídicas por parte da esfera estadual, onde o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA - MG tem um grande papel na salvaguarda dos bens registrados e inventariados no estado. O projeto de registro das “Folias de Minas” se concretizou em 06 Janeiro de 2017 com o reconhecimento pelo Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais, como patrimônio imaterial de Minas Gerais e publicação da lista das folias cadastrada. Referente à figura 09.

³² Lei delegada Nº 170, DE 25 DE JANEIRO DE 2007, que cria o Conselho Estadual do Patrimônio Cultural- CONEP; Lei nº 18.030, DE 17 DE JANEIRO DE 2009, que dispõe sobre a distribuição da parcela da receita do produto da arrecadação do ICMS pertencente aos municípios.

Figura 09 – Lista das folias cadastradas em Minas Gerais.



Fonte: Publicação do IEPHA. Acessado: 10/09/2017.

Tal reconhecimento se deu posteriormente ao levantamento amplo de inventário de todas as folias do estado, através do cadastro no próprio site do IEPHA, onde também as prefeituras dos municípios mineiros teriam como papel auxiliar no cadastro das mesmas. Assim gerando uma documentação acerca de todos os grupos de folias existentes no território do estado de Minas Gerais, esse trabalho surgiu através de outro programa realizado anteriormente, que tinha o intuito de inventariar o patrimônio cultural ligado ao rio São Francisco e as cidades ribeirinhas situadas as suas margens, dando ênfase à região do Norte de Minas a formulação do Inventário Cultural de Proteção do Rio São Francisco que foi realizado pelo IEPHA-MG em parceria com o Núcleo de História Regional da Universidade Estadual de Montes Claros – NUHICRE/UNIMONTES, entre os anos de 2012 e 2015, e publicado em 2016.

Teve como principal objetivo inventariar todos os bens de natureza imaterial da região norte mineira, como: “Os modos de vida reinventados e ressignificados no cotidiano da

água e do sertão se materializam através das crenças, [...] festas, dos fazeres, organizações coletivas, lutas pela terra, pelo rio” (IEPHA, 2015, p. 07). Ainda que tal projeto tenha apenas inventariado bens de natureza imaterial ligadas diretamente ao percurso do rio São Francisco, o mesmo abriu portas para novas pesquisas e demandas. Como é o caso das folias, as mesmas foram inventariadas na lista de “Ritos e festejos norte- mineiros”; através desse trabalho que próprios pesquisadores perceberam a grande relevância que as folias têm no imaginário simbólico e cultural da sociedade mineira.

No norte de Minas, além dos aspectos tradicionais, as folias carregam elementos da cultura sertaneja e ribeirinha. É comum encontrar nas várias comunidades que margeiam o Rio São Francisco a batida das caixas de folia, o som da viola caipira e as cantigas cantadas em coro, fazendo reverência ao Menino Jesus. Na região existem dezenas de ternos de foliões que saem em visita de casa em casa, todos os anos. Na cidade de São Francisco (MG), por exemplo, a celebração se inicia no dia primeiro de janeiro, dia de Nossa Senhora, e se encerra no dia seis do mesmo mês, dedicado aos Santos Reis. O giro também acontece em outras épocas do ano, quando cumprem as promessas a que são chamados, sendo mais requisitados entre os meses de janeiro, março, junho, agosto e dezembro, na noite do dia vinte e quatro. Ao final, os foliões e visitantes têm o hábito de confraternizar com bastante comida e bebida. (IEPHA, 2015, p. 82).

Com a percepção da grande relevância das folias na vida dos mineiros, surgiu como citado anteriormente o programa de cadastro e registro das “Folias de Minas”, que começou a ser realizada em 2016. Assim, após o cadastro e registro realizado no primeiro semestre de 2016, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais IEPHA- MG, junto com vários colaboradores identificou mais de mil grupos de Folias no estado. Foram exatamente 1.215 Folias cadastradas de 285 municípios diferentes, abrangendo todos os 17 territórios estaduais demarcados. Possibilitando compreender de maneira mais eficiente a realidade mineira dos grupos de folias, identificando onde se localizam, como se organizam segundo devoção, número de integrantes, personagens envolvidos, as vestimentas, os instrumentos musicais entre outros aspectos.

O cadastro dos grupos no Projeto Folias de Minas³³ é uma parte fundamental na participação dos coletivos sociais nos processos de pesquisa do patrimônio cultural imaterial, que visam dar maior visibilidade às comunidades tradicionais, e aos grupos de folias que se encontram no estado de Minas Gerais. Assim foi formulado um material com a lista de todas

³³ Projeto Folias de Minas: Projeto que visa cadastrar os grupos de Folias existentes no estado de Minas Gerais. Fonte: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/noticias/194-cadastro-das-folias-de-minas-e-mantido-no-site-do-iepha>. Acessado: 05/09/2017.

as folias registradas no estado de Minas Gerais, sendo que na cidade de São Francisco foram registradas 22 folias que contemplam todo território urbano e rural do município. Estar em anexo as tabelas referentes as folias cadastradas da cidade de São Francisco.

Assim, através dos dados observados do Inventário do Rio São Francisco e a Lista de Folias cadastradas pelo IEPHA surgiram à indagação acerca da do papel representativo da viola caipira, não apenas como instrumento singular utilizado pelos grupos de folias, sendo que em todos os grupos de folias registrados, e evidenciado a viola caipira como instrumento essencial. Mas sim, como objeto de representatividade cultural para toda uma comunidade, o fazer e tocar a viola caipira tem na sua singularidade uma maneira terna de ser vivida e apreciada. Pois os instrumentos musicais utilizados nas celebrações das folias e também em outras festividades de caráter religioso ou cultural são de extrema relevância para aqueles que estão envolvidos.

3. A VIOLA CAIPIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SÃO FRANCISCO

No terceiro capítulo destacar-se a origem da viola caipira, as singularidades levando-a ser vista mais do que meramente um objeto de uso festivo, para um objeto representativo de uma identidade cultural, uma história detentora de toda uma simbologia que eleva tal bem cultural a ser considerado como patrimônio imaterial de uma determinada cidade no interior de Minas Gerais, como a cidade de São Francisco. Esses questionamentos tem base teórica através de pesquisadores como Renato Teixeira Almeida (2013), Wagner Diniz Chaves (2005), Ivan Vilela (2011), Fabio de Souza Miranda (2016) e Edilberto Fonseca (2005).

3.1 Viola minha viola: Uma breve história da viola caipira.

Como falar da viola caipira sem antes entender a sua origem, as suas transformações, como passou de um simples instrumento utilizado em diversas festividades. “ (...) a viola na verdade é um instrumento de origem portuguesa” (VILELA, 2011, p.113), oriundas de instrumentos árabes como o alaúde³⁴, tem descendência direta com a guitarra latina³⁵, que por sua vez, tem origem arábica e persa? Os instrumentos portugueses desembarcaram no território brasileiro pelas mãos dos colonos da metrópole portuguesa; aqui ela foi utilizada pelos jesuítas na doutrinação religiosa dos nativos.

Realmente, a música foi um colaborador de extrema importância para o sucesso dessa missão. Assim que aportaram no Brasil, no século XVI, os jesuítas perceberam, claramente, que a música se apresentava como um passaporte seguro para a entrada dos religiosos nas aldeias. (ALMEIDA, 2013, p. 33)

Foi através da música que tais colonizadores conseguiram adentrar no mundo simbólico nativo, fazendo com que os preceitos do catolicismo fossem absorvidos pelo universo dos indígenas. A viola foi gradualmente assimilada pelos índios, sendo incorporada as expressões culturais trazidas pelos africanos, e perpetuadas pelos mestiços. Levando assim

³⁴ O alaúde é um instrumento musical da família dos cordofones. Este instrumento é de corda palhetada ou dedilhada, com braço trastejado e com a sua característica caixa em forma de meia pêra ou gota. Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/site/?s=al%C3%A1lde>.

³⁵ A guitarra latina é um instrumento de corda arrancada do período medieval na Europa. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Guitarra_latina.

a varias adaptações culturais, a viola disseminou-se por todas as regiões do Brasil e conservando-se principalmente na zona rural. Segundo Miranda:

Apesar de apresentarem mais características em comum do que divergentes essas violas do Brasil [...] diferenciam-se umas das outras da mesma forma como se diferenciam os tipos de violas portuguesas: forma, ornamentação, afinação, quantidade e agrupamento de cordas, técnicas de construção e maneira de tocar. Além disso, integram-se às manifestações culturais presentes nas regiões que são utilizadas. [...] é possível encontrar esses tipos de violas para além das suas áreas culturais por diversos motivos: migrações populacionais, ações e projetos culturais, difusão de técnicas de construção etc.(MIRANDA, 2016, p. 19).

Embora na prática existam poucas diferenças entre esses instrumentos, estas quando ocorrem são basicamente na madeira utilizada para a construção. O que posteriormente irá repercutir, por sua vez, em diferença no timbre de cada instrumento, no tamanho do copo do instrumento, no número e disposição dos trastes³⁶ ao longo do braço e do corpo. Assim mais tarde, com o passar do tempo, os primeiros caboclos³⁷ começaram a construir violas com madeiras toscas da terra, dando início da viola caipira, mesmo assim não deixando de lado a maestria em definir os detalhes.

A viola, viola sertaneja, viola de dez cordas, viola cabocla, viola de arame, viola de folia, viola nordestina, viola de repente, viola de festa, viola de feira, viola brasileira são alguns dos nomes que encontramos para designar esse instrumento, que aos poucos, tonou-se um dos porta-vozes do Brasil interior.(VILELA, 2011, p. 113).

Todas as suas variações terminológicas são relacionadas aos espaços geográficos que a mesma foi inserida e disseminada ao longo dos anos. Mantendo suas particularidades ou até mesmo se transformando através da apropriação de novas características do meio em que se encontra, norteando assim sua difusão para diversos lugares. E com o passar do tempo essa disseminação e apropriação foi dando visibilidade à “viola caipira” passando a ser vista não apenas como instrumento advindo e perpetuado pelas comunidades do interior, mas sim como instrumento de grande relevância a história e cultural de todo o território brasileiro. Para Miranda:

³⁶ Trastes ou trastos são pequenas "divisões" atualmente de metal (já foram utilizados trastes móveis, feitos com cordas amarradas em torno do braço) de certos instrumentos de cordas, tais como: guitarra, violão, viola caipira, bandolim, cavaquinho entre outros. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Traste>.

³⁷ Caboclo, caboco, mameluco, caiçara, cariboca ou curiboca é o mestiço de branco com índio. Pode, também, ser sinônimo de caipira. Fonte: <https://www.dicio.com.br/caipira/>.

À medida que se popularizavam em terras brasileiras, as violas foram sofrendo alterações estruturais decorrentes da adaptação de técnicas e matérias-primas para sua construção, assim como incorporaram novos elementos musicais a seu uso devido a sua gradativa inserção às práticas culturais locais, por meio de processos de apropriações e hibridações. (MIRANDA, 2016, p. 18).

Apesar de apresentar todas essas diferenciações nominais, a viola apresenta usualmente as mesmas cinco ordens duplas de cordas que no resto do país, segundo o esquema de Fábio de Souza Miranda (2016) podemos visualizar uma divisão simples dos tipos de violas existentes no Brasil. Pois as violas brasileiras sofreram inúmeras modificações para se adequar as danças e aos cantos populares em seus diferentes territórios. Os processos de produção começam a partir da escolha da madeira a ser usada na fabricação da viola.

ESQUEMA: Principais violas brasileiras.



Fonte: Esquema de divisão. Fábio de Souza Miranda. (MIRANDA, 2016, p. 19).

As características encontradas nas várias tipologias de violas brasileiras descritas pelo pesquisador Fábio de Souza Miranda (2016), permite identificar os espaços territoriais que as mesmas se inserem, ou até mesmo transitam. Sendo que a viola de cocho³⁸ e a viola de buriti³⁹ tem suas características bastante diferentes das outras em questão, pois surgiu através da dificuldade tempos atrás de se encontrar violas em algumas regiões específicas do país, assim dando abertura para o surgimento de novos formatos desse instrumento. Diferentemente é claro da viola de machete⁴⁰, viola nordestina⁴¹ e viola de fandango⁴² que tem esteticamente características similares à viola caipira, ou melhor, denominada viola de dez cordas.

A viola e sua tradição musical tem sua trajetória diretamente relacionada com a transmissão oral de conhecimento, o fazer e tocar viola é legado aos que realmente se sentem merecedores de tal maestria, pois há um complexo universo de significados, expressões e impressões ligados a prática do “fazer e tocar” a viola.

3.2 Viola caipira: Muito mais que um instrumento musical.

O Vale do São Francisco é uma das regiões mais ricas deste país em relação ao artesanato. Pessoas que utilizam as mãos e algum instrumento para confeccionar peças de uso decorativo e utilitário se fazem presentes às margens do rio. Oficinas com seus mestres e aprendizes nas mais diversas atividades como: produção de mobiliário doméstico, instrumentos musicais, de trabalho e de transporte, objetos de lazer, etc. O artesanato está estritamente relacionado com os recursos naturais advindos do meio ambiente, além de refletir o sistema de vida adotado pelos moradores de determinado lugar ou região. Com a habilidade de confeccionar objetos, utilizando recursos naturais da terra da região a criatividade dos

³⁸“Viola-de-cocho é um instrumento musical de forma e sonoridade sui generis produzido na região da bacia do Rio Paraguai – baixada cuiabana e adjacências – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.”(IPHAN, 2005, p. 13)

³⁹ Foi criada na década de 1940, na comunidade Mumbuca, situada no Jalapão, região do estado de Tocantins, produto artesanal feito com a madeira da árvore buriti, também conhecido como violinha de vereda. Tem quatro cordas de nylon[2] e sua forma não tem tampo nem fundo ou bojo. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Viola_de_buriti.

⁴⁰ A viola do tipo machete, e também a viola três quartos, são ambas violas de construção artesanal, e são utilizadas em grupos de samba do Recôncavo Baiano. Fonte: <https://ethnomusicologyreview.ucla.edu/journal/volume/14/piece/48>.

⁴¹ Viola caipira, nomeada de viola nordestina específica da região do Nordeste Brasileiro.

⁴² A viola de fandango tem características específicas da viola caipira, mas é fabricada na região sul do Sudeste e em toda região Sul do Brasil. Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/arte/fandango>.

artesãos sempre foi imprescindível e abrangente, diante das possibilidades que lhes são indicadas.

A maioria dos saberes, fazeres, ofícios e técnicas artesanais das populações que vivem no norte de Minas é inspirada nos elementos da natureza e na necessidade de sobreviver neste espaço. O clima, as estações do ano, a vegetação, a água, o sol, a lua, as chuvas e as secas influenciam não só a produção dos utensílios, artesanatos e alimentos nesse território, mas, sobretudo, seus costumes, suas práticas e sua vivência. O sertão e o rio se constituem, portanto, como importantes espaços de trabalho e vivência para as múltiplas gentes da região. (IEPHA, 2016, p. 43)

Ao longo do rio, as comunidades desenvolvem diferentes modalidades de artesanato, principalmente aquelas consideradas com referências da cultura popular, como o caso da prática de fabricação da viola caipira. Pois o saber e fazer dos construtores da viola caipira torna-se referência nos espaços sociais que estão inseridos, além de perpetuar a cultura da viola, pois são detentores e transmissores do saber sobre tal instrumento. Com isso “aos poucos a viola foi se tornando uma das principais porta-vozes das manifestações musicais do camponês brasileiro” (VILELA, 2011, p. 131). Sendo que não é apenas aquele que fabrica a viola que detêm o saber sobre esse instrumento, mas também aquele tocador que conhece todos os traços e sons advindos desse objeto, bem como os significados essenciais da função ritualística que a viola possuem nos espaços sociais.

[...] violão já veio pro Brasil com uma história pronta, com um material já todo pronto. A forma de tocar polegar, indicador, médio anular na corda tal. Viola não tem isso, então o violeiro tem que construir sua história ali da forma como que ele acha que o som vai ficar bom. Então principalmente esses violeiros que tão mais afastados das grandes cidades, eles vão sendo conduzidos através do som.⁴³

Saber tocar, dedilhar as notas, distinguir os sons e ao mesmo tempo compreender que aqueles que têm experiência e conhecimento nos saberes e fazeres tradicionais relacionados à viola seja pelo conhecimento histórico, ou pelo ofício de construir e tocar a viola tende há se sobressair no espaço simbólico e cultural das comunidades, principalmente quando as mesmas contemplam os espaços rurais. Segundo Vilela:

[...] as comunidades rurais do Brasil têm a música como algo muito presente em seu cotidiano. É possível pensarmos que a música, se portou como um elemento mediador nas relações dessas comunidades rurais. Nas festas

⁴³ Entrevista do violeiro Fernando Sodré. Documentário: “Dez cordas. A viola no Norte de Minas”. Ano: 2010 / Julho. Direção: Victor Ferreira; Filipe Cury e Luna França.

religiosas, a música atua como fio condutor de todo o processo ritual. (VILELA, 2011, p. 31).

A música está inserida no imaginário coletivo das comunidades, nas expressões das culturas populares, nas suas experiências de vida e no próprio reconhecimento das pessoas que vivem e interagem nesses espaços. “Dentre esses traços culturais, está à prática de rituais sagrados nos quais a música é presença essencial” (ALMEIDA, 2016, p.46). Reconhecê-la como um elemento imprescindível para a cultura popular é ter a percepção do seu valor simbólico. Ainda mais quando se trata da música ligada à cultura popular.

O som rústico, raspado, estridente, grosseiro imperfeito – adjetivos comumente atribuídos à música caipira, nada mais são que recursos sonoros diferenciados. Tratam-se de timbres e texturas que as músicas clássica e popular são, na maioria das vezes, incapazes de produzir. (VILELA, 2011, p. 49).

Há uma percepção musical do instrumento que executa padrões específicos quando falamos da música caipira, podemos incluir todos os instrumentos estritamente ligados à cultura caipira, mas principalmente dos sons produzidos pela viola. Essa denominação leva-se a entender o sentido de se associar a viola em si com a cultura caipira, mas para Almeida essa associação tende há ter mais particularidades, por isso ele cita que a viola:

Após sua chegada ao sertão, ela cria tamanha relação com a cultura interiorana que passa a ser denominada “viola caipira”, numa clara alusão ao seu envolvimento com os fazeres socioculturais dessa região, onde o caipira, tal como entendido por certa tipologia sociológica, se constitui. A partir desse momento, essa relação vai se tornando tão estreita que, hoje em dia, não se sabe se o termo “caipira” pode ser compreendido como um adjetivo de “viola”, o que sugere uma relação próxima que, no entanto, permitiria ao instrumento outras significações e usos culturais; ou se podemos pensar no nome “viola caipira” como um substantivo composto, que faz com que essa significação a relacione de forma invariável e, poderíamos dizer exclusiva com a cultura do interior do Brasil, que, na região sudeste e centro-oeste do país é conhecida como cultura “caipira”, também denominada cultura “cabocla”. (ALMEIDA, 2016, p. 43).

Tem-se um forte vínculo entre a cultura caipira e a viola caipira nas comunidades interioranas. Almeida (2016, p. 43) menciona acima que não há como se separar essas duas denominações, pois a própria “viola” se tornou interligada a cultura caipira, a partir do momento que a mesma foi inserida no seu espaço territorial, por isso, especificamente a viola fabricada nas comunidades interioranas é intitulada de viola caipira.

3.3 Mestre de viola: De tocador a luthier, o mestre Minervino e a viola caipira.

A cidade de São Francisco é berço de artesãos de mãos mágicas. Há vários artesãos e comunidades trabalham o barro com perfeição; com a madeira, o bordado, e as rendas, também o crochê faz parte da diversidade do artesanato produzido na região. A perfeição de alguns trabalhos ultrapassaram as fronteiras do município, a viola produzida em São Francisco, por exemplo, é comercializada em todo o Brasil. Referenciar a viola caipira como um bem cultural de natureza imaterial de grande relevância a identidade cultural da população de São Francisco, e estabelece uma nova perspectiva no sentido de apoiar e propagar iniciativas de registro do patrimônio imaterial em cidades consideradas de pequeno porte e do interior.

Onde a salvaguarda e preservação do patrimônio cultural sendo ele de natureza imaterial, como é o caso em questão, e natureza material (onde já se tem bens tombados na cidade pela esfera municipal e estadual), não é empregada com todas as suas atribuições. Então como podemos identificar e assegurar que a viola caipira seja considerada como patrimônio cultural imaterial da sociedade são franciscana? E que o processo de fabricação da mesma seja perpetuado entre seus conterrâneos, onde possa assim assegurar sua continuidade como prática e técnica artesanal com características específicas, além é claro de uma ferramenta altamente relevante na difusão das celebrações, ritos e festividades realizadas pelas comunidades ribeirinhas?

É a partir desses questionamentos que o papel do luthier⁴⁴ senhor Minervino Gonçalves Rodrigues Guimarães antigo morador da “do Angical, zona rural do Município”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 11) de São Francisco, tem grande relevância no reconhecimento da técnica do saber e fazer a viola caipira para a comunidade. As violas criadas pelo senhor Minervino eram baseadas no modelo da viola de Queluz⁴⁵, se diferenciando apenas em relação à quantidade de tratos existentes. Mesmo que ele já tenha falecido há alguns anos atrás, especificamente em 22 de setembro de 2009, sua trajetória como excelente luthier e a contribuição para a cultura são franciscana reacende um novo interesse na preservação de tal técnica artesanal.

O seu trabalho não surgiu do nada, a partir do momento que o mesmo começou a se dedicar ao ofício de luthier surgiram novas possibilidades para o seu crescimento profissional,

⁴⁴ Luthier é o profissional que trabalha com a construção e manutenção de instrumentos musicais.

⁴⁵ As violas de Queluz foram produzidas em oficinas da região de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete - Minas Gerais, no final do século XIX e início do século XX.

com o interesse de reconhecidos pesquisadores relacionados à viola caipira como Roberto Côrrea, Ivan Vilela e Wagner Chaves o seu trabalho foi sendo reconhecido fora da região do Norte de Minas Gerais. Um das primeiras pesquisas que o senhor Minervino participou foi realizada pelo jornalista João Naves (conterrâneo da cidade São Francisco) que no ano de 2000 publicou uma matéria no “Boletim Carranca”⁴⁶ referente ao senhor Minervino e seu trabalho como construtor de instrumentos musicais artesanais, evidenciando assim a importância da fabricação da viola caipira; “depois [...] da publicação feita no Boletim CARRANCA, da Comissão Mineira de Folclore, a vida de Minervino não foi mais a mesma”⁴⁷, além de ser incluído em pesquisas como o também violeiro Roberto Côrrea (2000) no mesmo ano que foi publicado a matéria no “Boletim Carranca”⁴⁸; como também o pesquisador e violeiro Ivan Vilela (2011) que através das suas pesquisas sobre a viola conheceu o trabalho do senhor Minervino.

Mas foi através do pesquisador Wagner Diniz Chaves (2005) com a participação de Edilberto Fonseca (2005) que o ofício de luthier seria evidenciado, pois posteriormente ao término da pesquisa foi realizada uma exposição no CNFCP (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular), na sala do Artista Popular, intitulada: “Sons de couro e cordas: instrumentos musicais e tradicionais de São Francisco – MG”, onde o papel da viola enquanto instrumento musical e o modo de se fazer a viola, realizada pelo artesão Minervino.

O principal documentário existente que fala sobre a vida e obra do senhor Minervino foi realizado junto à pesquisa de Chaves (2005) e Fonseca (2005), intitulado de: “Senhor Minervino e a viola caipira”⁴⁹, onde o próprio personagem principal expressa o seu conhecimento demonstrando na prática como se fabricar a viola caipira, seguindo assim todas as etapas desde a escolha da madeira utilizada, até a “finalização dos tratos, das cravelhas e do cavalete” (CHAVES e FONSECA, 2005, p. 21).

Já o documentário “Dez cordas. A viola no Norte de Minas”⁵⁰ apresentou importantes violeiros da região do Norte de Minas, mas não houve a participação do senhor Minervino, pois o mesmo já tinha falecido no período que se realizou o documentário. Mesmo assim seu ofício foi lembrado pelos violeiros que participaram do documentário e também como a

⁴⁶ Espaço editorial da Comissão Mineira de Folclore. Fonte: www.folcloreminas.com.br/CMFICarranca.htm.

⁴⁷ João Naves. Fonte: Blog: http://joanavesdemello.blogspot.com.br/2009/11/do-cerrado-as-barrancas-do-rio-sao_14.html.

⁴⁸ Boletim Carranca: Espaço editorial da Comissão Mineira de Folclore. Fonte: www.folcloreminas.com.br/CMFICarranca.htm.

⁴⁹ Documentário: “Seu Minervino e a viola caipira”. Ano: 2005. Direção: Pedro Da Costa Lyra e Wagner Chaves.

⁵⁰ Documentário: “Dez cordas. A viola no Norte de Minas”. Ano: 2010 / Julho. Direção: Victor Ferreira; Filipe Cury e Luna França.

viola é vista no imaginário coletivo do sertão norte- mineiro, “o sertanejo convive com a roça que nem ele convive com uma chuvarada com um fenômeno, então é difícil explicar isso. Mais eu acho que a viola tem esse poder de ter uma linguagem própria no sertão, que vai muito além do que, de pegar o instrumento e tocar”⁵¹. Esse documentário retrata a vida e história dos violeiros do Norte de Minas, onde todos falam sobre como a viola caipira se tornou parte das suas vidas. Como o próprio Chaves (2014) atesta em uma das várias pesquisas que realizou acerca do tema, o senhor Minervino foi um “exímio construtor e tocador de viola e rabeca, morador de uma localidade de nome Angical” (CHAVES, 2014, p. 248). Ademais, deixou o seu legado (a técnica de se fazer a viola caipira) aos seus conterrâneos, precisamente ao seu aprendiz Geraldino do Angical que “se dispôs a passar essas técnicas, ele faz excelente viola”⁵², através de oficinas realizadas pela CULTUARTE (Associação de Cultura, Arte e Educação) com o intuito de promover a disseminação do ofício construir a viola caipira. Na figura 10 mostra um exemplar da viola fabricada pelo Geraldinho do Angical.

⁵¹ Entrevistado: Paulo Freire/ Violeiro e pesquisador: Documentário: “Dez cordas. A viola no Norte de Minas”. Ano: 2010 / Julho. Direção: Victor Ferreira; Filipe Cury e Luna França.

⁵² Entrevistado: Antônio Raposo. Documentário: “Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

Figura 10 – Viola caipira fabricada pelo luthier Geraldinho do Angical.



Fonte: Arquivo pessoal do artesão Geraldinho do Angical. Acessado: 10/09/2017.

Mas há também outros antigos aprendizes do mestre Minervino, como o artesão Edilson, chamado também de fazedor de viola.

Aprendi mesmo com o chefe que ensinou eu, seu Minervino né. Ele saiu na região e, nós tava numa folia uma época e falou comigo: ô moço cê podia aprender fazer esses instrumentos porque eu já to ficando meio de idade, mas eu falei: eu num tenho nem noção, aí ele foi e explico, ai um dia... uma época tentei fazer uma em casa aí conseguir, a primeira que essa é a minha, no dizer do povo vai ficar pra sempre.⁵³

Não se pode definir precisamente para quantos aprendizes o mestre Minervino teria repassado os seus conhecimentos sobre o ofício de ser fabricar a viola caipira, pois como a viola é um dos instrumentos com grau elevado de importância em relação aos demais instrumentos musicais artesanais inseridos nas manifestações religiosas e culturais.

⁵³ Entrevistado: Edilson/Fazedor de viola. Documentário: : “Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

Aquele que tivesse algum interesse pela técnica, e disposto a aprender poderia simplesmente solicitar auxílio ao mestre Minervino, o que se sabe através de relatos e das informações dos pesquisadores citados é que a técnica utilizada pelo mestre Minervino é passada de geração para geração, visto que poder ser considerado “como se fosse quatro gerações né. É, Geraldinho que aprendeu com seu Minervino, seu Minervino que aprendeu com seu Joaquim Bicota, e Joaquim Bicota que aprendeu com Juquinha Bicota que era pai de Joaquim Bicota”⁵⁴.

Para tanto as celebrações, ritos, rituais e tantas outras manifestações de cunho religioso e cultural revelam como esse instrumento (a viola caipira) tem um poder representativo do sagrado, o próprio luthier senhor Minervino fala: “Essa viola diz que é abençoada, desde o princípio do mundo, a viola é abençoada. Que foi a viola que tocou pra é, pra fazendo oração do nascimento de Jesus”⁵⁵. O fazer/fabricar a viola e o tocar revela ser muito mais que uma simples prática artesanal, uma técnica ou ofício desvinculado das vivências com o sagrado e profano.

Figura 11 – O mestre Minervino junto com os seus instrumentos recém fabricados. Desde viola caipira no modelo lisa e ornamentada até rabecas.



Fonte: Arquivo pessoal do senhor João Naves. Acessado: 03/10/2017.⁵⁶

⁵⁴ Entrevistado: Antônio Raposo. Documentário: “Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

⁵⁵ Entrevistado: Senhor Minervino. Documentário: “Seu Minervino e a viola caipira”. Ano: 2005. Direção: Pedro Da Costa Lyra e Wagner Chaves.

⁵⁶ Fonte: João Naves. Blog: http://joaonavesdemello.blogspot.com.br/2009/11/do-cerrado-as-barrancas-do-rio-sao_14.html. Acessado: 03/10/2017.

Assim é importante considerar tal prática como indissociável as inúmeras manifestações de cunho religioso e cultural na sociedade são franciscana, para Fonseca e Chaves:

O município de São Francisco é um celeiro de festas e manifestações populares tradicionais, presentes em todo norte de Minas. O boi-de-reis, o reis-dos-cacetes, a dança do carneiro e a caninha verde são apenas alguns exemplos da riqueza da cultura popular local. O conjunto orquestral que constitui a base da musicalidade de formas de expressão é composto, primordialmente, pela viola de 10 cordas, pela rabeca e a caixa. Esses instrumentos tem papel imprescindível nas festas dedicadas aos santos católicos, como as folias- de Reis, do Divino Espírito Santo, do Bom Jesus, entre outras – na dança de São Gonçalo, e também nos divertimentos e brincadeiras populares (FONSECA e CHAVES, 2005, p. 09).

Por isso é de total interesse à salvaguarda por meio do registro de tal saber artesanal, além da sua manutenção através da propagação e difusão de tal ofício. O mesmo já está em andamento na esfera estadual desde 2015 através do projeto de lei nº 1.921/2015, onde institui:

Art. 1º – Fica declarada patrimônio histórico, cultural e imaterial do Estado a manifestação musical Viola Caipira Mineira. Art. 2º – Cabe ao Poder Executivo a adoção das medidas cabíveis para o registro do bem cultural de que trata esta lei, nos termos do Decreto nº 42.505, de 15 de abril de 2002. Art. 3º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.⁵⁷

Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, junto ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), o processo de aprovação encontra-se paralisado desde o dia 02 de março de 2016 após passar pela comissão de cultura⁵⁸ e o relator em questão, aprovar o texto do projeto no segundo turno no plenário. Assim, aguardando a redação final do texto para posteriormente a sanção, promulgação ou veto, o mesmo projeto e pedido foi iniciado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O patrimônio cultural imaterial por algum tempo foi deixado de lado em relação as ações e

⁵⁷Fonte: https://www.almg.gov.br/atividade_parlamentar/tramitacao_projetos/index.html?advanced=simples&first=false&pagina=1&aba=js_tabpesquisaSimples&slfTipo=&txtIdProj=1921&txtAno=2015&txtAssunto=&ordem=0&tp=10.

⁵⁸ Ação: Segundo turno. Relator: Dep. Bosco. Parecer pela aprovação na forma do vencido em primeiro turno, com a Emenda 1. Aprovado. Publicado no DL em 4 3 2016, pág 27. Site: https://www.almg.gov.br/atividade_parlamentar/tramitacao_projetos/interna.html?a=2015&n=1921&t=PL&aba=js_tabTramitacao. Acessado: 03/10/2017.

instrumentos efetivos para promoção da sua salvaguarda, mesmo que tenha sido citada na Constituição Federal de 1988 no artigos 215 e 216, onde estabelece o seguinte:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.⁵⁹

O reconhecimento dos bens de natureza imaterial incorporado pela Constituição Federal de 1988 foi aprofundado pelo decreto nº 3.551 de 04 de Agosto de 2000, que regulamentou o registro de bens culturais de natureza imaterial. Com essa nova perspectiva em relação às questões legais acerca da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, foi dada abertura para novas possibilidades para a promoção e preservação dos bens culturais imateriais, que por muito tempo ficou as margens da desmedidamente direcionada ao patrimônio de pedra e cal, nomeado de patrimônio imaterial.

Para dar prosseguimento à pesquisa e estudo acerca da viabilidade da proposta o IEPHA a partir de da finalização do projeto de registro e cadastro das “Folias de Minas”, deu início ao projeto “Violas: o fazer e tocar em Minas Gerais” onde violeiros e fazedores de viola se cadastram no sistema da instituição, alimentado assim as informações quantitativas sobre aqueles que praticam o saber e fazer da viola, junto também ocorreu entre os dias 16 e 17 de maio de 2017 o “Seminário Violas: O fazer e o tocar em Minas Gerais”⁶⁰. Mas mesmo que tal iniciativa auxilie no processo de salvaguarda através do registro da mesma, nesse primeiro momento da pesquisa abrange apenas aqueles que praticam esse saber no momento presente.

Não dando aval aos mestres de viola que já não estão presentes, mas que tem sua técnica passada de geração para geração. Esse é o caso do senhor Minervino, pois mesmo que ele já tenha falecido, a sua arte está sendo difundida entre seus conterrâneos. Como seus filhos não se interessavam pela fabricação da viola, o senhor Minervino passou a sua técnica

⁵⁹ Legislação do patrimônio cultural. 2. Ed – Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2013.

⁶⁰ Seminário Violas: O fazer e o tocar em Minas Gerais. Com participação de violeiros, pesquisadores e construtores de todo o estado para participar dos debates sobre a história das violas e de sua importância cultural em Minas e no Brasil.

artesanal a seu discípulo Geraldinho do Angical⁶¹, assim como cita Antônio Raposo no documentário “Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais”:

E nós tivemos aqui no povoado de Angical o seu Minervino que é um grande fazedor de viola né, e teve seu trabalho reconhecido ai né, em outras pesquisa e foi bem evidenciado. Com seu Minervino aprendeu o Geraldinho do Angical, esse moço simpático aqui, ô aprendeu com seu Minervino.⁶²

Uma das grandes peculiaridades sobre a arte de fazer viola do senhor Minervino é porque, mesmo ele “embora tenha vivido sempre agarrado com uma viola, largou a construção do instrumento aos 25 anos, só voltando à atividade por volta dos 64, quando, estando sem serviço e já não podendo mais executar os trabalhos pesados de carpintaria” (FONSECA e CHAVES, 2005, p. 13). A partir desse momento se dedicou exclusivamente a fabricação da viola caipira e a rabeca, além de ser também um exímio folião, que não perdia nenhum giro de folia todo ano. Seu interesse pela fabricação da viola caipira e a rabeca surgiu a partir do momento começou a participar das folias na região. Assim segundo Fonseca e Chaves o senhor Minervino era:

[...] um exímio violeiro é muito fiel a devoção aos santos, saindo nas folias desde muito novo. Seu avô, e padrinho, era violeiro e cabeça da folia, tendo lhe ofertado um “balainho” para que pudesse começar a participar das festas. Foi o único da família que se envolveu com a música, mas não conta nem toca caixa nas folias; gosta mesmo é de tocar viola, e na rabeca diz que inventa. (FONSECA e CHAVES, 2005, p. 13).

A produção da viola caipira do luthier senhor Minervino possuía suas singularidades, mas também detalhes que encontrados em violas existentes em outras regiões do município de São Francisco, o que não deixa de qualificá-la como única e especial.

Uma viola para ficar no ponto de ser repicada leva de três a quatro dias de trabalho do seu Minervino. As laterais do bojo dela são armadas com duas tiras de imburana, contornando a forma que tem a curvatura do seu belo corpo, partindo do braço até o fundo, onde se encontram; depois se coloca o tampo, parte superior, com o buraco para expansão do som e o fundo, todo vedado – Minervino usa, para fazer a tampa, a imburana, cedro ou pinho; os frisos de candeio, que é madeira preta, para diferenciar da imburana e o cedro, madeiras claras; o braço é de cedro, mas o espelho dele é de jacarandá; as craveiras de pau d’arco, o cavalete de jacarandá; o braço recebe

⁶¹ Geraldinho do Angical é um artesão de violas na cidade de São Francisco, que desenvolveu o ofício através dos ensinamentos do mestre de viola o senhor Minervino.

⁶² Entrevistado: Antônio Raposo. Documentário: “Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

enfeite de pequenas circunferências feitas de plástico branco, talhadas, delicadamente, com um instrumento inventado pelo artesão. As ornamentações no tampo da viola são feitas com jacarandá incrustado.⁶³

O ofício de fabricação da viola está ligado diretamente ao ciclo da natureza onde se observa os períodos das chuvas (quando o trabalho é diminuído por causa madeira não ser apropriada), ao contrário do período da seca que a quantidade de madeira aumenta a produção da viola pelo artesão. O mestre Minervino utilizava materiais e instrumentos simples para auxiliá-lo na fabricação da viola caipira poderia ser desde cola de madeira, martelo, serrote, plaina, régua, lápis, canivete, formão, enxó, morsa entre outros. Já “as formas e moldes foram conseguidos junto aos mestres com os quais o artesão aprendeu o ofício” (FONSECA e CHAVES, 2005, p. 19).

Todos os detalhes de como se fazer, como preparar a madeira foi adquirido através dos conhecimentos perpassados pelos seus mestres, na figura 11 e 12 destacam-se o processo de fabricação da viola. “Dois momentos compõem o processo de construção da viola, a feitura do braço e a do corpo propriamente dito”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 19).

No processo de produção artesanal o objeto é produzido em pequena escala e assim é mais rico em detalhes e valores artísticos e sentimentais. Para a construção da viola, ele, primeiro fabrica, todas as peças de maneira separada, sem a escolha ou preferência de qual parte deveria ser fabricada primeiro, O braço da viola é feito por etapas, sendo a madeira cedro mais utilizada para a sua construção “a preparação do aro é o início da feitura do braço”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 20), eles se referem às peças que compõem os lados da viola. A madeira é molhada para que todos os lados fiquem na mesma altura, pois assim irá produzir uma boa sonoridade, para que a madeira fique flexível e se encaixe no molde, ela precisa ficar de molho por uns 20 minutos, para que posteriormente seja colocada com cuidado no molde. Essa parte do processo precisa ser feita com cuidado para que não se quebre, e nem danifique a viola.

Em seguida são colocadas “vergas, também chamada e viras – pequenas faixas de madeira denteadas, feitas de pinho ou cedro – onde são fixadas as pontas das travessas [...] que darão firmeza ao encontro do aro com os tampos (CHAVES e FONSECA, 2005, p. 20). Quando colocadas as travessas que sustentam a parte da cobertura da frente da viola, e que se é colocado então o umbigo do braço, quando a parte da frente da viola é colada a viola tem

⁶³ Fonte: João Naves. Blog: http://joaonavesdemello.blogspot.com.br/2009/11/do-cerrado-as-barrancas-do-rio-sao_14.html. Acessado: 03/10/2017.

que ser retirada da fôrma, para que depois a boca da viola seja aberta com a utilização do compasso, para em “ em seguida são coladas travessas que sustentarão o tampo do fundo, este é colado e pregado no umbigo do braço, e a viola, amarrada, e deixada ao sol para secar”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 21), só depois de todo esse processo é colado ao corpo da viola o espelho que é amarrado de novo, até que posteriormente a isso finaliza-se com os tratos, as cravelhas e cavaletes.

O senhor Minervino no seu ofício utiliza os trastos de cobre ou de latão “sendo afixados no espelho, um a um, segundo o padrão que determina a escola do instrumento.” (CHAVES e FONSECA, 2005, p. 21), para fazer os trastos eram utilizados fios de luz, já as rodas que existem em volta da boca, são coloridas, e feitas com escovas de dente já não mais utilizadas. Estes objetos são cortados em pequenas lascas e encaixados na madeira, uma criatividade extraordinária. Além do cavalete que é “entalhado a partir de um molde tradicional que confere um caráter decorativo muito particular a viola”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 21) e também as cravelhas feitas de pau-darco ou então, ou ipê- roxo, o senhor Minervino preferia “as cravelhas de madeira às de metal, pois argumenta que segura mais as cordas”(CHAVES e FONSECA, 2005, p. 21). E assim para finalizar completamente a construção da viola tem-se a etapa do trabalho de manchetaria, onde se encrusta no tampo frontal da viola desenhos de flores feitos com madeira escura. Apenas com a raspagem de uma faca comum, bem afiada. Para a colagem da madeira o artesão utiliza a cola simples comprada em papelarias ou então uma cola produzida por ele mesmo, mas que é muito difícil de ser elaborada.

Figuras 12: Processo de fabricação da viola caipira.



Fonte:

Arquivo do catálogo da exposição: Sons de couro e cordas: Instrumentos musicais de São Francisco-MG.
Acessado: 03/10/2017.

Figura 13: Processo de fabricação da viola caipira.



Fonte: Arquivo do catálogo da exposição: Sons de couro e cordas: Instrumentos musicais de São Francisco-MG.
Acessado: 03/10/2017.

Deste modo segue-se essa linha, onde “seu Minervino que aprendeu com seu Joaquim Bicota, e Joaquim Bicota que aprendeu com Juquinha Bicota que era pai de Joaquim Bicota. Então, o fazedor de viola mais antigo que a gente tem notícia aqui na região é seu Juquinha Bicota”⁶⁴; todos utilizando os mesmos materiais, instrumentos e saberes sobre como fazer e quando é a melhor época para fabricar a viola.

Há uma especificidade bastante interessante quando falamos sobre o modelo da viola caipira fabricada pelo mestre Minervino, pois na região de São Francisco encontrava-se violas com aspectos diferentes, mas o artesão Minervino fabricava o modelo de viola que possuía “um braço de 10 trastos até o limite do corpo do instrumento, e um tampo decorativo com flores em marchetaria”(FONSECA e CHAVES, 2005, p. 19). Esse tipo era o mais produzido pelo senhor Minervino, pois para comercialização era o mais solicitado. Pode-se visualizá-lo na figura 12, sendo um viola original fabricada pelo mestre Minervino.

Figura 14 – Viola caipira fabricada pelo mestre Minervino.



Fonte: Arquivo do catálogo da exposição: Sons de couro e cordas: Instrumentos musicais de São Francisco - MG. Acessado: 03/10/ 2017.

⁶⁴ Entrevistado: Antônio Raposo. Documentário: Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

Apesar de todo o processo complexo que a fabricação da viola caipira tem quando pronta é um dos mais belos instrumentos que compõem a todo o sistema das folias e diversas outras celebrações de cunho religioso e cultural. Como também apenas um instrumento para deleite de todos, com sons fortes sem distorções, assim “o som da viola tem o poder de... de uma oração até”⁶⁵.

Estimular e preservar a continuidade do ofício e saberes artesanais envolvidos na construção de instrumentos musicais tradicionais, principalmente a viola caipira requer a valorização dos artistas/artesãos e a difusão e o repasse destes conhecimentos, ou seja, da técnica utilizada e toda a forma de se construir o instrumento. Essa preservação tem mais significado a partir do momento que os instrumentos de salvaguarda são utilizados no intuito de preservação a manutenção e difusão de tal técnica como o ofício da fabricação da viola, o registro de bens culturais de natureza imaterial é imprescindível para perpetuação dos saberes e fazeres culturais.

⁶⁵ Entrevistado: Sinval da Gameleira/ Glaucilândia – MG. . Documentário: Violas do São Francisco Norte de Minas Gerais” – DIR. IEPHA/MG. Inventário Cultural do São Francisco. Coordenação do Projeto: Luiz Molinari. Data: 2013/2016. Direção: Débora Lima

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa era evidenciar os elementos que comprovem a relevância da viola caipira como um bem cultural de natureza imaterial. Levando assim a um maior entendimento acerca do saber fazer a viola caipira, técnica essa realizada e perpetuada por um antigo artesão de viola caipira e rabeca da cidade de São Francisco senhor Minervino. Dando base para que a mesma possa ser registrada como patrimônio imaterial da cidade de São Francisco mesmo que já tenha um projeto em andamento na esfera estadual com a intencionalidade de registrar-la como patrimônio estadual.

No decorrer da pesquisa foram utilizados diversos autores que estudaram a importância da cidade de São Francisco uma das referências culturais do norte de Minas Gerais, como foi exposto no primeiro capítulo evidenciando os componentes que auxiliam na construção da identidade cultural do são franciscano, mostrando assim todos os pontos relevantes a tal construção mesmo sendo simbólica. Percebemos ainda como o rio encontra-se diretamente ligado a todo esse processo, pois o rio São Francisco é intrínseco a essa formação política, social e principalmente cultural da cidade. É através do rio que se constrói a história da cidade e do seu povo ribeirinho.

Evidenciando também o grau de importância existente na celebração da Folia de Reis, como manifestação religiosa e cultural de uma comunidade. Agregando a viola caipira um grau maior de simbologia, pois existe entre a folia e a viola caipira uma reciprocidade significativa que contribui na perpetuação das suas funções como detentores e disseminadores da cultura popular. Promovendo também a consolidação das mesmas como patrimônio cultural do povo mineiro, sendo que até o momento as folias independentemente da sua especificação já está registrada como patrimônio cultural imaterial pela esfera estadual.

Fato esse concretizado em 06 de janeiro de 2017 com o aval do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep), que institui o registro das folias no “II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”⁶⁶; concedendo essa titulação as folias de Minas, auxilia sim, mesmo que de forma moderada a sua preservação nos meus espaços sociais que está incorporada, além de propiciar possibilidades da sua difusão como manifestação cultural em todo território brasileiro. E para finalizar a pesquisa o

⁶⁶ Legislação sobre patrimônio cultural – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, 2013.

terceiro capítulo ofereceu informações significativas referente a definição dos conceitos de produção da viola caipira produzida pelo artesão e folião senhor Minervino e sua importância na disseminação da cultura do sertão norte mineiro. Percebe-se por meio das observações o quanto o artesão impõe seus sentimentos na construção do instrumento e o quanto o trabalho é difícil e cauteloso.

O processo de fabricação da viola caipira abarca uma gama de informações, quando é vista como mais do que um simples instrumento, pois o artesão tenta imprimir no objeto criado seus conhecimentos do ofício e seus sentimentos, cada detalhe é impresso com toda cautela, pois o artesão tende a passar na sua obra sua identidade através dos detalhes expressos na madeira. O minucioso processo de produção e todo o zelo existente ao se fazer cada peça também justificam dizer que a produção da viola é uma arte. Portanto, a fabricação artesanal de viola caipira promove o empenho e a preservação do contexto cultural e tradicional de São Francisco, já que ela é uma obra de arte artesanal com características específicas. A importância de se registrar a fabricação artesanal da viola caipira produzida pelo senhor Minervino permite constituir e preservar a cultura tradicionalista do artesanato da cidade.

A pesquisa ressalta a importância de se registrar como patrimônio cultural e imaterial o saber e fazer a fabricação artesanal da viola caipira produzida pelo luthier e folião senhor Minervino, além da sua contribuição para a preservação do contexto cultural e tradicional de São Francisco, uma vez que tal ofício tradicional evidencia, produz e contribui para a perpetuação da cultura norte mineira, sertaneja e ribeirinha. Para tanto, constata-se que para proteger e salvaguardar os bens culturais, principalmente os de natureza imaterial precisa-se haver uma parceria entre a esfera pública junto com a sociedade.

Mas para isso se realizar a população do município precisa estar ciente do seu papel junto ao trabalho de preservar o seu próprio patrimônio cultural. Na própria cidade de São Francisco não há nenhum bem cultural registrado como patrimônio cultural imaterial, assim através dessa pesquisa e das informações adquiridas pela mesma, pode-se haver o início do primeiro processo de registro de um bem cultural de natureza imaterial referente à cidade de São Francisco.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História de Arte como história da cidade**. Ed: Martins Fontes, 2005.
- ALMEIDA, Renato Teixeira. **A viola de dez cordas: Entre a tradição e a Contemporaneidade**. Minas Gerais. 2013.
- BRAZ, Brasiliano. **São Francisco nos caminhos da história**. Belo Horizonte. Editora Lemi S.A, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2004. 412 p.
- CANENSI, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo da. **A folia de reis de Jaraguá**. Goiânia, Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.
- CHAVES, Wagner; FONSECA, Edilberto. **Sons de couro e cordas: instrumentos musicais tradicionais de São Francisco – MG**. Rio de Janeiro. Iphan. CNFCP, 2005.
- CHAVES, Wagner. **Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra contada nas folias norte- mineiras**. 2014.
- LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEGISLAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**. 2º Ed – Brasília. Câmara dos deputados, edições Câmara, 2013.
- MIRANDA, Fabio de Souza. **Rodas de viola: jogos musicais no ensino coletivo da viola caipira**. São Paulo, 2016.
- MOREIRA, Hugo Fonseca. **“Se for pra morrer de fome, eu prefiro morrer de tiro”: O Norte de Minas e a formação de lideranças rurais**. Rio de Janeiro, 2010.
- PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. **Sobre(vivências): Modos de vida, trabalho e institucionalização dos pescadores artesanais de São Francisco – MG(1960-2014)**. Uberlândia, 2015.
- PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madelene. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. 256 p.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Toadas de Santos Reis em Inhumas – Goiás: tradição, circulação e criação individual**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos; SILVA, Ricardo dos Santos. **Desenvolvimento regional no Norte de Minas. Montes Claro – MG**, 2011.

VILELA, Ivan. **Cantando a própria história**. São Paulo, 2011.

Inventário cultural do Rio São Francisco / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2015. 115 p.

Dossiê: Modo de Fazer Viola- de- Cocho / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2005, 116 p.

ANEXOS

Tabela referente as folias cadastradas na cidade de São Francisco

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
 Governo do Estado de Minas Gerais

Companhia de Reis Irmãos Alves	Menino Jesus	São Bento Abade	40	Capitão, Bandeira/Estandarte, Palhaços, Vozes	Violão, Cavaquinho, Sanfona, Caixa (Tambor), Pandeiro	de Reis durante todo o ano. De 26 de dezembro a 06 de janeiro. Também participa de encontros de Folias/Embaixadas/Companhias de Reis durante todo o ano.
Folia de São Sebastião de São Brás do Suaçuí	São Sebastião	São Brás do Suaçuí	15	Bandeira/Estandarte, Vozes	Violão, Sanfona, Caixa (Tambor), Pandeiro, Afoxé, Agogô, Reco Reco, Meia Lua, Acordeom,	Janeiro (três domingos); dezembro (três domingos); e durante o ano saem sempre que convidados e quando conseguem transporte através da prefeitura para deslocamento.
Folia dos Correias	Santos Reis, São Sebastião, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida e São José	São Francisco	9	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Balainho, Rabeca	Dezembro, março, agosto, outubro e janeiro
Folia Estrela da Guia	Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia, São José e Bom Jesus	São Francisco	12	Capitão, Bandeira/Estandarte, Vozes, Guia, Contra-Guia	Viola, Violão, Sanfona, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, Reco-reco, Balainho, Geroma	Janeiro, março, agosto
Terno São Sebastião	São Sebastião	São Francisco	12	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Geroma, Rebeca	11 a 20 de janeiro
Grupo de Folia Sagrada Família	Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, Santa Izabel, Bom Jesus, São José e Santa Luzia.	São Francisco	12	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, Geroma, rabeca, balainho, triangulo e requi.	Março, Julho, Agosto, Outubro, Dezembro e Janeiro.
Folia de Reis	Santos Reis, São Sebastião, Nossa	São Francisco	12	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, Maromba e	25 de dezembro a 06 de janeiro.

113

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
 Governo do Estado de Minas Gerais

	Senhora da Conceição, Santa Luzia				Balainho.	
Folia Zezinho Bibiu	Santos Reis, São Sebastião, São José, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Parto e São Gonçalo.	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rebeca.	01 a 06 de janeiro
Terno de Marciano	Santos Reis, São Sebastião, Menino Jesus, Sagrado Coração de Jesus, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Parto.	São Francisco	6	Reis, Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rebeca e Balainho.	Janeiro
Foliões da vila do Morro	Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus e São José	São Francisco	8	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, balainho e maromba	Janeiro, Março, agosto, Outubro e dezembro
Folia das Cabaçeras	Santos Reis, São Sebastião, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, São José, Santa Luzia e Santo Antônio.	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca	Janeiro, março, junho, agosto, outubro e dezembro.
Folia Brejo dos Angicos	Santos Reis, São Sebastião, Divino Pai Eterno, Bom Jesus,	São Francisco	9	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Balainho, Rabeca e maromba.	Janeiro, Agosto, Outubro e Dezembro.

114

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
 Governo do Estado de Minas Gerais

						Balainho.	
Folia Zezinho Bibiu	Senhora da Conceição, Santa Luzia Santos Reis, São Sebastião, São José, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Parto e São Gonçalo.	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca.	01 a 06 de janeiro	
Terno de Marciano	Santos Reis, São Sebastião, Menino Jesus, Sagrado Coração de Jesus, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Parto.	São Francisco	6	Reis, Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca e Balainho.	Janeiro	
Foliões da vila do Morro	Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus e São José	São Francisco	8	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, balainho e maromba	Janeiro, Março, agosto, Outubro e dezembro	
Folia das Cabaças	Santos Reis, São Sebastião, Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida, São José, Santa Luzia e Santo Antônio.	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca	Janeiro, março, junho, agosto, outubro e dezembro.	
Folia Brejo dos Angicos	Santos Reis, São Sebastião, Divino Pai Eterno, Bom Jesus,	São Francisco	9	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Balainho, Rabeca e maromba.	Janeiro, Agosto, Outubro e Dezembro.	

114

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
 Governo do Estado de Minas Gerais

Terno dos Verdes	Aparecida, Nossa Senhora do Parto, São Miguel e Santa Luzia. Santos Reis, São Sebastião, Bom Jesus	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, rabeca, maromba e balainho	Janeiro, julho, agosto e dezembro	
Grupo de Folia Burity do Meio	Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, São José, Santa Luzia, Bom Jesus e São Geraldo	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, geroma, reque e balainho	Janeiro, agosto, outubro e dezembro.	
Terno de Folia do Tabocal	Santos Reis, São Sebastião, Bom Jesus	São Francisco	10	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro	janeiro, agosto e dezembro	
Terno de Folia de Reis	Santos Reis, Bom Jesus e São José	São Francisco	9	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro	janeiro, março, agosto e dezembro	
Terno de Folia Três Reis Magos	Santos Reis, São Sebastião, Menino Jesus, Nossa Senhora Aparecida, São Pedro, São João e Santa Luzia.	São Francisco	15	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca e balainho.	Janeiro e dezembro	
Folia do Ribeirão	Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, Bom Jesus	São Francisco	9	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Caixa (Tambor), Pandeiro, Reco Reco, rabeca, maromba e balainho	janeiro, março, agosto, outubro e dezembro	
Terno de Timóteo	Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia, São José, Bom	São Francisco	24	Bandeira/Estandarte, Vozes	Viola, Violão, Cavaquinho, Caixa (Tambor), Pandeiro, Rabeca, maromba.	Janeiro, março, agosto e dezembro.	

116